

Docaria Cristal

– antologia literária –

Érica de Oliveira & João Paulo Hergesel

(organizadores)

Docaria Cristal

– antologia literária –

1.^a edição



Editora Jogo de Palavras

• Alumínio, SP •

2019

© by Editora Jogo de Palavras, 2019

Revisão:

Érica de Oliveira

Editoração:

João Paulo Hergesel

Ilustração de capa:

CC0 License

D636 Doçaria Cristal: antologia literária. / Vários autores ; organizado por Érica de Oliveira e João Paulo Hergesel. – Alumínio, SP : Jogo de Palavras, 2019.

110 p. ; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-80097-12-8

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. 3. Contos. 4. Poemas. 5. Chocolate.
I. Oliveira, Érica de. II. Hergesel, João Paulo. III. Título.

CDD 869.8992

CDU 821.134.3(81)

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992
2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição reservados a:

Editora Jogo de Palavras

Alumínio, SP • 2019

www.jogodepalavras.com

Sumário

Sabor chocolate com vida vivida	
<i>Diogo Joaquim dos Santos</i>	9
Páscoa	
<i>Aldirene Máximo</i>	10
Amores Chocólatras	
<i>Edib Longo</i>	12
Quando a vida parecia ter sabor de chocolate	
<i>Thaís Costa de Almeida</i>	13
Bombons de Licor	
<i>Caroline Maria Cesário Pinheiro</i>	14
O Dom	
<i>Carolini Assmann</i>	21
Surpresa Chocólatra	
<i>Darlan Veit</i>	23
Pedro, tu és pedra	
<i>Evandro Valentim de Melo</i>	27
Não pode dar chocolate para cachorro?	
<i>Evalderiany Honorata de Souza</i>	33
A Trégua Natalina	
<i>Guilherme Souto Sanchez</i>	39
A fantástica fábrica de fantasias	
<i>Sandra Denicievicz</i>	42
Chocolate salva-vidas	
<i>João Eduardo Cerqueira</i>	44

Ciocolato	
<i>Joaquim Bispo</i>	48
Brigadeiros e uma, duas ou três xícaras de chocolate quente	
<i>Lilian de Castro</i>	51
Eu só quero chocolate	
<i>Paulo Luís Ferreira</i>	59
Bolo de chocolate com abraço de vó	
<i>Eduardo Paraguassu</i>	68
Chocolate	
<i>Rozemar Messias</i>	75
Xícara	
<i>Alberto Arecchi</i>	76
Problema do chocolate	
<i>Alessandro Diniz</i>	77
Chocolates	
<i>António Pedro</i>	79
Soneto do Chocolate	
<i>Caio César Souza Mariano Fraga</i>	80
O chocolate do charlotte	
<i>Daniella Cruz</i>	81
Ecos quase perdidos	
<i>Emanoel Santos Fernandes</i>	82
Sabor Chocolate	
<i>Fabrizio Nascioli</i>	83

Chocolate	
<i>Francielle Consoni</i>	85
Palato	
<i>Hélio Carlos da Silva Júnior</i>	86
O chocolate é...	
<i>Isabel Furini</i>	87
Encontro de Chocólatras	
<i>Júlia Celeste Pereira</i>	88
Doce presente	
<i>Juliana Karol de Oliveira Falcão</i>	89
Chocolate partido	
<i>Kárita Helen da Silva</i>	90
Prazer de chocolate	
<i>Lucas Silva Silvestre</i>	91
Versos para o chocolate	
<i>Tauã Rangel</i>	92
Delícias	
<i>Sílvia Ferrante</i>	94
Doce Poesia	
<i>Robinson Silva Alves</i>	96
O doce sabor	
<i>Nanci Otoni</i>	97
A tela de chocolate	
<i>Maroel da Silva Bispo</i>	98
Manchas de chocolate	
<i>Rachel Soares</i>	99

Choco-latte	
<i>Sara Timóteo</i>	102
Sobre os autores	103

Sabor chocolate com vida vivida

Diogo Joaquim dos Santos

Nem todo cão que ladra não morde.
Descuidado é aquele que confia.
Minha avó não fez filosofia
e há de nascer quem dela discorde.

Seu saber singular, de onde veio?
Seria o café com adoçante?
O fumo mascado, o manuseio
das linhas, o tear elegante?

Com meus sete anos, nisso eu pensava,
até ver que da bolsa escorria
setenta por cento em chocolate.

Entre um desatar e um arremate,
um cacau inteiro morria
de amor na boca que o devorava.

Páscoa

Aldirene Máximo

A Páscoa se aproximava. Os pais da menina estavam desempregados. Ela amava chocolate.

Não faltava às aulas. Entregava as atividades em dia. Era estudiosa. Pertencia à classe mais indisciplinada.

Mas, os professores viam nela um futuro promissor.

Aula de História. Os alunos odiavam. Faziam muito barulho. O professor não conseguia explicar. Mesmo com dificuldades, a menina se atentava à explicação. O professor de História também narrava histórias. Era difícil saber o que era real e o que era ficção.

A aula iniciou. O professor disse que corrigiria os cadernos e quem acertasse todas as atividades propostas no dia, ganharia um prêmio.

Era preciso estar com o caderno organizado.

Todos os alunos duvidaram do professor.

A menina, que estava tão acostumada a estudar para dar orgulho aos pais, realizou as atividades sem questionar.

Afinal, com ovo de Páscoa ou sem, o que mais queria era aprender.

Tempo encerrado. A menina mostrou o caderno ao professor. Ela acertou todas as atividades e recebeu um lindo elogio.

Os colegas que viam as aulas de História como histórias, começaram a rir da menina. Disseram que ela era boba em acreditar que ganharia um ovo de Páscoa. Ela não se importou com a opinião dos colegas. Agradeceu o professor pelas explicações. E pelo elogio. Na semana seguinte teria reunião de pais. E o que ela mais queria era ver seus pais se alegrarem. Apesar da dificuldade financeira, eles se esforçavam para que a menina estudasse. Mesmo doente, ela não faltava.

O professor disse à menina que no final da aula conversaria com ela. Os alunos riram novamente. A menina disse que tudo bem.

Ao final da aula, a menina foi à sala dos professores. Sorrindo, todos os professores a parabenizaram. O professor entregou à menina uma linda cesta, com bombons e ovos de Páscoa.

A menina chorou. Os professores se emocionaram. Aquela cesta recheada de carinho seria a alegria daquela família. A menina chorou, ao imaginar o quanto ficariam felizes os irmãos menores.

Amores Chocólatras

Edih Longo

On line dizia que me amava e enviava lindas e variadas caixinhas de chocolates. Preferia o doce gostoso, mas maligno, à doçura de uma flor. *Off line* enfiava a mão na minha cara, sentia-me um bicho no abate.

Denunciei-o devidamente à polícia. Só me faltava entrar para a lista de feminicídio (palavra otimizada hoje em dia). Despluguei-o da parede e do coração.

Deletei seus e-mails, esvaziei a lixeira com suas fotos e joguei no lixo físico as caixinhas de chocolates que, estúpida como todos apaixonados, guardava vazias.

Voltei à vida e ao contato em “in” — diferente e transigente. Apaixonei-me por mim, olhando-me na tela de meu espelho. Alterei minha configuração.

Na verdade, desconfio que ele queria que eu explodisse de tão gorda e que me desintegrasse no ar. Desgostei até de chocolates!

Agora estou apaixonada pelo meu professor de Yoga a quem a primeira pergunta, com muita cautela, foi: o que prefere, chocolates ou flores?

Enigmático, não me respondeu, mas na mesma noite recebi uma caixa de chocolates enorme acompanhada de um ramalhete enorme de flores. Ufa! O que será que significam agora esses símbolos? Amor transbordante? Paixão desenfreada? Ou, simplesmente, meia calabresa e meia muçarela?

Que diabo!

Não existem mais homens normais? Estou sempre no meio-fio.

Quando a vida parecia ter sabor de chocolate

Thaís Costa de Almeida

São poucas vezes na vida em que podemos sentir que a nossa vida tem um gosto agradável de sentir. São poucas vezes na vida em que sentimos que tudo está em seu devido lugar. Os sonhos nos elevam e mostram o melhor que podemos ser, quando nos é permitido viver sem medos, sem angústias, ah que belos dias são esses!

Dias em que o amor faz morada, dias em que teu sorriso me deu asas, dias de recordação. Na minha infância tão sofrida, tão atropelada, tão inusitada me restaram alguns sabores a colecionar na alma, eu andava com você com meus cabelos ralos, dourados como a luz do sol, subíamos uma ladeira atrás de algum sabor.

Eu era pequenina, estaria sempre com você, juntas íamos em busca de adoçar a nossa vida, de adoçar a minha infância, e assim recebíamos aquelas caixas cheias de biscoitos recheados com chocolate e frutas, ficávamos tão felizes, a saborear o crocante do biscoito ao se misturar com o recheio de banana com chocolate a derreter nas nossas bocas.

Aquele sabor ficou sempre em minha mente, hoje me lembro e me serve de alento, de dias em que fui feliz pelo aroma que exala através da poeira do tempo, dos biscoitos que compartilhamos que eram sinônimos de amor.

Eu fui amada por você naqueles dias em que o mundo era só eu e você. Com o tempo não subimos mais ladeiras, fomos embora pra sempre daquele lugar, que de vez em quando era-nos permitido sonhar, partimos dizendo adeus, viemos morar em outro lugar, andamos juntas pra outros lugares, mas não tinha mais o gosto de chocolate a nos inebriar. Se a saudade tiver um sabor, ele é de chocolate com banana em flor.

Bombons de Licor

Caroline Maria Cesário Pinheiro

Sentada naquela cadeira, desconfortável, diga-se de passagem, enquanto esperava o homem voltar não podia deixar de reparar como o movimento ali era bastante, apesar do que o horário supunha. Algumas pessoas iam e vinham, o telefone tocava sem parar, o som de teclas de computador era contínuo e o volume das vozes nada moderado. Já estava até com dor de cabeça.

Nunca pensou que uma delegacia fosse ser tão agitada.

Algo realmente não lhe dava um bom pressentimento, e ela estava com um considerável medo do que quer que estivesse por vir. Mas aquela situação precisava ser encarada para ser resolvida. E era dela mesma a missão de fazer isso.

— Bem, senhorita, hora do seu depoimento. — O detetive finalmente havia voltado de sabe Deus onde.

— *Okay.* - Ela se ajeitou na cadeira desconfortável. - Mas... pelo que eu estou aqui mesmo? — Em nome de não comprometer a investigação ela tinha que perguntar isso. Para a justiça não se deve ter vergonha de falar.

— Uma denúncia de desacato à autoridade.

— *Okay. Okay.* - Respirou fundo. Mas bem no instante em que iria começar seu relato, algo muito importante a parou. — Mas eu não me lembro de ter sido desacatada por ninguém.

O olhar do detetive variou da tela do computador para seu rosto, indo e voltando. O sorriso crescendo e ficando cada vez mais óbvia a risada que estava suprimindo. Enquanto isso, a mulher só se perguntava se estava perdendo alguma piada, porque a graça ainda não estava vendo.

— Não, senhorita, você entendeu errado. A denúncia é contra você. - *Mas, o quê?*

— O quê você disse? - *Que absurdo.* - Eu acho que não ouvi direito.

— Você está aqui porque prestaram queixa contra a senhorita por desacato à autoridade. Fui mais claro? - *Ab.* Agora ela estava entendendo a piada. Ainda sem graça, mas tudo bem.

— Eu não me lembro de ter desacatado ninguém. - O detetive suspirou, descansando os cotovelos sobre a mesa e olhando fixo para ela.

— Então, qual a sua versão?

Pensou. Pensou. E pensou mais um pouco, porém não conseguiu encontrar nada que justificasse ter ido parar na delegacia, como a denunciada, por desacato à autoridade ainda mais. Na verdade, como havia ido parar lá mesmo?

— “Seu” detetive, você não acha que uma acusação de desacato à autoridade é muito forte?

— Mas é o que diz aqui. O denunciante, Roberto - não posso dizer o sobrenome para proteção da privacidade e identidade da vítima. - relatou que na noite de hoje, sábado, a senhorita desconsiderou a posição e função de uma autoridade com frases informais e desrespeitosas. Impedindo a sua ação. E ainda tentou assediá-lo, envolvendo adjetivos inapropriados, expressões explícitas e falas carregadas de teor sexual.

— Assédio? Que absurdo! Eu não assediei ninguém! - Lembrou-se de mais um detalhe. - E nem desacatei nenhuma autoridade. - Tinha que manter tudo livre de dúvidas.

— Então qual a sua versão da história? O que você fez?

Bem, essa era uma ótima pergunta: o que ela havia feito? Não sabia exatamente. Quer dizer, não aquilo que o detetive parecia estar querendo ouvir. Os fatos dos quais tinha certeza era de que havia ido para a festa de aniversário da sua amiga, e que nem estava tão divertida assim. Como isso havia levado a um suposto comportamento digno de denúncia, ela não sabia.

Pela sua falta de memória, deveria ter batido a cabeça em algum lugar. Mas se havia sido realmente isso, ela deveria estar no hospital e não em uma delegacia.

Entretanto, não era momento de se preocupar com esse detalhe. Não quando tinha um fulaninho que ela nem sabia qual a cara

tentando puni-la com a lei. E por assédio, ainda mais. Onde já havia se visto? Alguém ali estava exagerando, ou ela em sua inocência ou o tal Roberto nessa denúncia. E como alguém precisava ficar nesse time, era na segunda opção que ela apostaria seu dinheiro.

Ou já estava apostando, considerando que teria que no mínimo pagar uma multa.

O tempo ia passando e a mulher continuava usando ele todo para tentar preencher a lacuna de tempo e ações que o detetive ainda, não tão pacientemente, esperava, para enfim digitar no seu computador de policial um relatório.

E essa dor de cabeça não a deixava pensar direito, e nem estava ajudando em nada. Um doce ia cair bem para dar aquele *empurrãozinho*. Chocolate, então, ia ser ótimo. Sabe como é, açúcar ativando o cérebro e esse monte de coisas científicas que ela não sabia explicar. Será que o senhor detetive daria um pedaço daquela barra para ela?

Espera.

Era isso.

Chocolate!

— Eu lembrei! “Seu” policial, eu lembrei! - A mulher começou a gritar do nada assustando o oficial, que quase deixou sua preciosa barra de chocolate cair no chão bem no momento em que iria dar uma mordida.

— Que ótimo, senhorita. Que ótimo. - Suspirou de novo.

— Então, você lembra que falei que estava na festa da minha amiga? - Ele negou com a cabeça. - *Ab.* Acho que eu não disse em voz alta. Pois bem. Eu estava nessa festa, e estava um saco! Tão chata que eu precisei procurar minha própria diversão. Foi quando eu achei uns bombons de chocolate, e eu amo chocolate. Então, eu comecei a comer.

— Entendo. - Decididamente, o homem digitava em seu relatório. Deveria era estar aliviado de finalmente ela estar falando algo.

— E era um chocolate ótimo! O melhor que eu comi na vida, de verdade. Quando eu percebi já tinha comido quase todos os bombons da caixa. O que foi algo bem triste, porque eu gostaria de ter

aproveitado aquela delícia. - O detetive a encarou, arqueando uma das sobrancelhas e o recado foi entendido. *Sem divagar, por favor.* - Seguindo a história. De repente, uma garota louca chegou gritando e brigando comigo, dizendo que eu não podia ter comido aquilo, que era dos outros. Aparentemente, os chocolates eram o presente que ela deu, e que eu não deveria ter comido o que não era meu. Entretanto, ela deixou a caixa em cima de uma mesa aleatória, em uma festa cheia de pessoas famintas. Não achei que ela tivesse muita razão em estar me cobrando isso. Porém, não fui discutir, os últimos bombons estavam gostosos demais para eu dar atenção para o argumento furado dela.

O detetive ficou a encarando em silêncio, e ela conseguia sentir o julgamento caindo sobre si. Não sabia o motivo, em sua concepção ela estava dando seu máximo para contribuir com a investigação, independentemente do quanto sem sentido pensasse que ela fosse. Ele deveria estar agradecido das memórias estarem começando a voltar.

Um detalhe, ainda bem que havia pensado nisso. Precisava perguntar como havia ido parar ali e sem memória ainda mais. Disso não conseguia lembrar. Será que a tal garota havia batido na sua cabeça?

— Com lic-

— O quanto você bebeu, senhorita? — Ele foi mais rápido que ela.

— Nada.

— Seu teste demonstrou níveis de álcool na sua corrente sanguínea. - Por que ele tinha que falar tão complicado? Sua cabeça doía e estava tonta. E até com um enjoo. Dessa vez, talvez, tivesse comido chocolate demais.

— Eu não bebi nada alcoólico. *Ah!* Espera. Lembrei! Os bombons eram de licor.

— Os números do teste são altos. - A sobrancelha arqueada havia voltado.

— Foram muitos bombons de licor, detetive.

— Tudo bem. Como isso chega à acusação de desacato e tentativa de assédio?

A mulher continuou encarando o detetive, refletindo sua questão. Ele realmente fazia perguntas muito pertinentes, tinha que admitir. Ele havia tocado em um ponto que até ela estava curiosa pela resposta. Como uma discussão por bombons de chocolate virou assédio e desacato? Por que sequer tentaria assediar alguém? E, ainda por cima, uma pessoa com quem nem tinha ido com a cara e nem era tão bonita assim?

— Por algum acaso, essa tal garota é de algum cargo administrativo em algum órgão do governo? Se sim eu vou entender completamente a existência dessa queixa, e a minha falta de sorte em comer os chocolates que alguém assim comprou. Ninguém merece irritar e cutucar um ego tão frágil.

O mistério estava se resolvendo, finalmente. Já conseguia sentir a saída da delegacia mais próxima.

— Quem prestou a queixa foi um homem.

Ou não.

Um homem?! Certo, Roberto. Mas, quando um ser do sexo masculino entrou na história, pelo amor de todos os bombons de licor que ela provavelmente não deveria ter comido?

Já estava há pelo menos uma hora jogada em um cantinho da disciplina, sozinha com seus pensamentos e falta de memória, tentando se lembrar em que momento um homem havia entrado na situação. Será que a tal esquentadinha tinha um namorado que entrou na “briga” para defendê-la?

Estava difícil. A fome estava batendo e a dor de cabeça não passava. Devia ser a grande vontade que estava de ter um pedaço daquela barra do seu chocolate favorito que o detetive fazia questão de esfregar na sua cara. E a memória dos bombons de licor também.

Tudo que conseguia se lembrar de novidade era que, a fim de calar a garota que não parava de gritar e reclamar, ela decidiu ir com as próprias pernas comprar uma nova caixa para substituir a comida. Então pegou suas coisas para sair, abriu a porta e deu de cara com-

Nossa. Como podia ter esquecido ele? Justo ele?

— Detetive! - Se levantou, de repente, gritando. - Eu lembrei!

Depois de ter sido solta da cela em que estava - o que havia achado um absurdo ter sido colocada inicialmente, mas não contestou, porque estava colaborando - sentou em frente à mesa do policial, que não parecia aliviado em ver progressos. Parecia mais exausto do que qualquer outra coisa. Compreensível, era madrugada e o coitadinho estava sendo obrigado a trabalhar.

— Então, bem na hora em que eu ia sair da casa para comprar o tal chocolate, ele apareceu na porta. Imediatamente eu fiquei surpresa, mas depois pensei em como as coisas mudaram hoje e que os negócios expandiram. Não julguei minha amiga por ter contratado um *gogo boy* para a festa dela. Finalmente alguma diversão ia acontecer.

O detetive a encarava com a mesma sobranceira levantada que já havia virado característica sua. Enquanto a mulher mergulhava na, enfim, parte mais interessante do seu relato.

— Ele estava fantasiado de policial. E chegou falando que estava ali por queixas de barulho. Ele era muito sério e falava firme, e deve ter sido caro, porque estava muito bem no papel, e a fantasia era realista também. Além de que ele era atraente como um *gogo boy* tem que ser. Se é que você me entende.

— Estou entendendo tudo.

— Comecei a interagir com ele. Nunca tinha visto um, estava curiosa. Ele ficou dizendo que tinha que falar com a dona da festa, se era eu. Eu me lembro de dizer, “Se a festa for entre nós, eu sou a dona sim”. Então ele me perguntou se eu queria ser presa. - A mulher começou a rir. - Ele até mostrou as algemas e eram bem reais. O que pensei logo foi em ser algemada a uma cadeira como parte do show e ele dançaria para mim. Mas na frente de todos não. Por isso respondi: “Vamos para o quarto antes”.

— Você vai continuar afirmando que o álcool no seu sangue foi de chocolates com licor?

— Mas foi. — Ela reafirmou com segurança. - Agora parando para pensar, eu nem perguntei o nome do *Senhor gogo boy*.

— Senhorita, obrigado. Acho que finalmente cheg-

— Mas, “Seu” detetive, - ela interrompeu. - eu ainda não sei quem é tal de Roberto e porque ele afirma que eu desacatei a sua

identidade e tentei assediá-lo. - O policial parecia surpreso como nunca.

— Realmente?

— Sim. Inclusive, onde é que ele está? Por que ele me denuncia e eu, só eu tenho que ficar aqui falando? Cadê a versão dele? Eu exijo ouvir, e ver a cara dele também! - Agora que havia recobrado a memória estava ainda mais cheia de razão e vontade de se defender.

—Não se preocupe, ele já está a caminho. - Um barulho dentro da delegacia chamou a atenção do detetive. - *Ob!* Ele acabou chegar. Parece que sua espera acabou.

— Finalmente!

Quando a mulher se virou, e finalmente viu o rosto do homem que havia prestado queixa contra ela. Não havia falta de memória que a impedisse de entender todos os motivos que a fizeram parar numa delegacia, algemada, em um sábado que supostamente era de festa e diversão.

Roberto, o *Senhor gogo boy*, era policial de verdade.

O Dom

Carolini Assmann

O aroma, o sabor não tem explicação, eu amo chocolate, mas não consigo fazer doces com ele, já tentei diversas vezes, mas não adianta, eu não tenho o dom.

Minha família é de Chefes de cozinha há várias gerações, todos têm o dom do doce, fazem receitas maravilhosas, têm suas confeitarias, mas infelizmente chegou a minha geração e não está funcionando.

Minha mãe me inscreveu numa escola de culinária, mas não adiantou, sentava e ficava olhando eles derretendo o chocolate, fazendo os doces, quando chegava a minha vez de tentar, tudo dava errado, eu só sei comer chocolate.

Minha família está desanimada comigo, será que a pressão deles fez com que o meu dom sumisse? Minha mãe chegou a dizer que eu não era filha dela, por não ter o dom, fico triste, pois sempre amei ficar no meio da cozinha, ver toda aquela bagunça, da gritaria, amo provar os doces.

Saí de casa, pois minha própria família começou a me excluir de tudo, sempre chamavam para a noite de provas dos chocolates, pararam de me ligar, estavam com medo de que eu fosse dar a azar a seus doces.

Me matriculei escondida num curso de confeitaria, não contei a ninguém, queria ter certeza se o problema era eu ou a pressão de ser de uma família de chefes de cozinha. Eu fazia as aulas e depois refazia os doces em casa, quase coloquei fogo na casa duas vezes.

Demorei para acertar no meu primeiro pudim de chocolate, aos poucos comecei a pegar o jeito de fazer, estava morrendo de vontade de contar a minha família, mas preferi esconder.

Eles ficaram sabendo através do jornal, quando abri meu pequeno negócio, todos ficaram muito felizes, minha mãe até chorou litros quando foi no local, hoje sou a Confeiteira número um do país e estou continuando os dons da família

O meu dom sempre esteve comigo, o problema foi a pressão que não o deixava se libertar em mim.

Surpresa Chocólatra

Darlan Veit

Meu pai era chocólatra, mas o vício dele por chocolate jamais foi problema. Pelo contrário, o doce virava solução graças à sabedoria dele. Em nossa família, o clima de Páscoa durava o ano inteiro e eu explico. João, meu pai, comprava os derivados do cacau em grandes quantidades e os escondia em algum lugar da casa. O esconderijo era valioso como um tesouro de alegrias e o Sr. João encorajava os seus filhos a encontrarem as guloseimas. No entanto, claro que esta espécie de esconde-esconde das delícias tinha um rígido conjunto de regras. E aí daquele que desobedecesse às regras de um chocólatra.

Em primeiro lugar, quem encontrasse os chocolates poderia comer somente uma barrinha ou bombom por dia. Segundo, quem encontrasse poderia dar uma unidade por dia aos irmãos, desde que os irmãos fizessem algo por merecer o prêmio, claro. Terceiro, sob hipótese alguma, quem achasse o tesouro poderia mudar as riquezas de lugar ou informar o local. Meu pai tinha essa mania de valorizar a busca pelas doçuras da vida e nada poderia ser mais prejudicial para as crianças do que o excesso de recompensa sem uma boa dose de esforço. Quem diz que chocolate engorda, jamais brincou deste esconde-esconde que aproveitava cada metro quadrado do nosso lar doce lar.

A nossa casa era sob medida para uma grande família e os limites da construção coincidiam com os do terreno de uma cidade metropolitana. Muros altos cercavam o pátio da frente e o dos fundos de forma que o sol fazia sombras na maior parte dos dias. Porém, ainda que os chocolates pudessem ser escondidos do lado de fora, o Sr. João nunca expunha as guloseimas às intempéries do clima. Os cinco quartos, os três banheiros, a garagem, a sala de estar, a cozinha ampla com mesa para as refeições e até a sala de orações ofereciam múltiplas alternativas para esconder um saco de pano com o conteúdo de volume equivalente a uma caixa de bombons.

Por alguns anos da década de oitenta, João e seus três filhos mais velhos brincaram e comeram chocolate com muita parcimônia. Meu pai tinha cabelos e olhos castanho-claros como se a mistura de chocolate branco e preto colorisse o corpo dele. Meu irmão mais velho, Daniel, era loiro e os olhos verdes dele brilhavam toda vez que ele encontrava o procurado tesouro. Douglas puxara mais pelo meu pai, mas nunca dava uma barrinha para o Daniel ou para Carina, a minha irmã mais nova até então. Carina era loira como o Daniel e ela achava os chocolates com tanta facilidade que os olhos dela sequer brilhavam. Talvez, as íris verdes da minha irmã ficavam secas, porque a água ia toda para a boca dela. Dúvidas à parte, o João, o Daniel, o Douglas e a Carina se divertiam de acordo com as regras e nenhuma brincadeira integrava as diferentes idades como esta de esconder chocolate para achá-lo. Meu pai tinha 35 anos, meu irmão mais velho tinha 9, o mano seguinte tinha 6 e a caçula na ocasião tinha 3. Eu acho que essa pirralha era a maior chocólatra de todas, pois ela conseguia encontrar os doces com maior frequência do que os irmãos marmanjos.

De quando em quando, o Sr. João se superava e ficava muito difícil de encontrar os chocolates. Certa vez, o meu pai assistia televisão na sala e a crise começou.

— Ah, cansei... - Resmungou o Daniel.

— A Carina comeu tudo - Acusou o Douglas.

— Paiêê...- tentaram os dois juntos... - será que nós podíamos ganhar uma barrinha?

— Carina, vem cá! - Chamou o meu pai.

Ela entrou na sala de estar com os lábios lambuzados pelo prêmio diário.

— Quantos você comeu?

— Só um.

— E como tá a organização do quarto dos teus irmãos?

— Iiiiiii pai, tá uma bagunça...

— Assim que eles arrumarem, tu podes dar uma barrinha pra cada um deles.

A sabedoria chocólatra funcionou, os três filhos se ocuparam por uns instantes e o pai pôde assistir sua televisão em paz. Até que...

— Meu Deus! Quem tirou os chocolates de dentro da estátua de Jesus? - Berrou a Carina.

Nossa família praticava o catolicismo com fervor e tinha fé na Ressurreição de Cristo na Páscoa, mas era a primeira vez que o Filho de Deus comera chocolates em nossa casa. Daniel pegou a estátua e a trouxe para que João a inspecionasse.

— Quem pegou todos eles? - Meu pai interrogou os meus três irmãos.

— Eu não fui - Disse a Carina.

— Muito menos eu - Informou Douglas, olhando para o Daniel.

— Eu sequer tinha achado os chocolates - Defendeu-se o mais velho.

— Só falta vocês dizerem que foi Jesus quem os comeu. - Gritou a minha mãe da cozinha, enquanto gargalhava e me chacoalhava todinho.

Ela estava alegre e eu sentia uma doçura inédita em minha curtíssima vida. Eu não enxergava as coisas lá fora, mas ouvia tudo e sentia um gosto que fluía em meu sangue e fazia cócegas suaves no meu cérebro, uma delícia! O nome da minha mãe era Maria e, diferentemente da Maria mãe de Jesus, ela tinha muitos filhos. Ela passava a mão na barriga, ria e fazia ‘Shhhh!’ como se me pedisse silêncio. O pedido não fazia sentido porque, mesmo que eu quisesse, eu não poderia fazer barulho algum. A única maneira de eu me expressar nessa época era através de chutes e empurrões. Como eu me sentia cheio de energia, eu me mexi um bocadinho. Maria deu novas gargalhadas, o gosto doce voltou a me invadir e eu escutei meu pai dizer.

— Deve ter caído em algum lugar, tratem de encontrar.

Então, meus três irmãos procuraram atrás do balcão em que a estátua estava. O ruído deles arrastando o móvel irritou os meus ouvidos sensíveis. Eles colocaram a coisa de volta com mais barulho

ainda. Eu escutei as portas mais distantes baterem e a voz do meu pai gritava volta e meia:

— Procurar não é bagunçar!

Com alguma demora, depois de muita procura, bagunça e rearrumação, a Carina entrou na cozinha e bradou:

— Tá resolvido o mistério!

A mãe me chacoalhou todinho outra vez de tanto que ela riu. O Daniel, o Douglas e o João escutaram o alarme da minha irmã e correram com tanta pressa que se espremeram para passar pela porta. Com toda a família reunida, a Maria se justificou:

— O Cacauã queria umas barrinhas e ainda não conhecia as regras do esconde-esconde.

— Cacauã!? - Repetiram os demais, exceto eu, lógico.

— Foi o mais próximo de chocolate que eu consegui pensar. - Disse ela fazendo carinho naquelas paredes carnudas que me apertavam. - Chocolate é uma palavra que varia pouco entre as línguas e seria muito doce batizar um filho com uma referência tão direta. Por outro lado, chamá-lo de Cacau seria quase tão amargo quanto a semente do cacau. Então, para equilibrar as coisas ao meu gosto do meio amargo, Cacauã é o nome perfeito do novo caçula da família.

Alguns meses depois, eu nasci e levei anos para escrever essa surpresa chocólatra que marcaria a minha existência para sempre.

Pedro, tu és pedra

Evandro Valentim de Melo

Final de agosto, adentrou à sala de aula uma jovem branca como a neve. Louríssima. A professora a apresentou: “esta é Sophie, belo resultado da mistura entre Sergipe, onde nasceu a mãe, e Zuriq, terra natal do pai. Uma terceira cidade entra na mistura, para moldar essa linda menina, Salvador, local em que nasceu. Aos nove anos, a família se mudou para a Suíça, onde se produz, ai, ai, o melhor chocolate do mundo. Sete anos se passaram e eles retornam ao Brasil. Bem-vinda, Sophie, ao nosso navio que já singra as revoltosas águas do ensino médio”.

A mesa da novata ficava ao lado de Pedro, conhecido pela alcunha de Chocolate, dada a cor de sua pele. O jovem parecia hipnotizado pela alvura e pela mescla dos sotaques nordestino e francês de Sophie. Ele a inundava de perguntas só para ouvi-la.

A novata, assim como boa parte das alunas daquela escola, achou Pedro bastante atraente. “Como esse menino é bonito!”, pensava.

No dia seguinte, Sophie conquistou a simpatia de professores e alunos, ao presenteá-los, a cada um, com chocolates “made in Switzerland”. Porém, foi a outro ‘Chocolate’ feito no Brasil, que ela se aconchegou. Enquanto ela respondia a inúmeras perguntas sobre a Suíça, Pedro a atualizava sobre o Brasil. O envolvimento de ambos, aos poucos, se transformava...

Nolan, o pai de Sophie, desde a primeira vinda ao Brasil, ocupava alto cargo em uma multinacional suíça chamada Constructeur. À época do primeiro desembarque em Salvador, era-lhe desconhecido que viveria naquela cidade por tantos anos. Sophie contava:

— ‘Painho’ veio ao Brasil a contragosto, mas os encantos de Salvador, aos poucos, drenaram a rejeição inicial. Quando ele conheceu ‘mãinha’, então, Salvador passou a ser o melhor lugar do mundo.

— E sobre sua mãe?

— Chama-se Raquel. Nasceu numa cidadezinha chamada Canindé de São Francisco, interior de Sergipe. Influenciada por um tio, ‘mãinha’ se mudou para Salvador. Estudou lá desde os doze anos. “Mãinha” e ‘painho’ se conheceram quando ela era estagiária na empresa em que ele trabalha.

Pedro, como que enfeitiçado, por aquele sotaque tão distinto, se deliciava com cada detalhe da história. Mas Sophie exigia reciprocidade. O amigo também contou um pouco de si.

— Minha vida é mais calma do que a sua. Nasci e cresci em Brasília. Fiz algumas viagens, mas o destino era sempre o mesmo. Meus pais são paraibanos e não curtem o frio, por isso, só vamos ao litoral nordestino. Eu gostaria de conhecer outros lugares. Quando ganhar minha própria grana, farei isso. Por enquanto, só me resta acompanhá-los. Eles também se conheceram no trabalho. Poucos anos depois se casaram. Tenho uma irmã caçula. A família parou aí. Minha vida não é muito emocionante. Você experimentou muito mais coisas do que eu, inclusive, o melhor chocolate do mundo, que só conheci agora, por haver lhe conhecido.

— Pedro, ao menos entre as meninas, o que se comenta sobre você é que teve um monte de namoradas. Sua vida não é tão monótona e sem emoção como você diz.

— Exageros - saiu Pedro pela tangente, sendo salvo em seguida, pelo sinal sonoro da escola, que significava “retornem à sala de aula”.

A dupla se ligou de tal forma, que não mais se desgrudavam. Os colegas de sala os apelidaram de chocolate ao leite.

Ocorreram mutações bem conhecidas: o mero prazer da companhia evoluiu para algo diferenciado, forte, disforme, que se camuflava a fim de não mostrar a que veio. Algum temor diante da constatação; um quê de incredulidade; guerra inglória diante do sentimento que se agigantava; lutas vãs contra algo que estava na cara, até que, um dia, simplesmente compreenderam: estavam apaixonados. E como são incrivelmente pujantes as paixões dos jovens!

Everton, amigo de longa data de Pedro se intrometeu entre ele e Sophie, enquanto se dirigiam à parada de ônibus. De um bote, tomou

o chocolate que Pedro ganhara de Sophie e o enfiou todo de uma vez, na boca. Sophie interrompeu a narrativa sobre seu progenitor, com longa gargalhada. Só depois que parou de rir, voltou a falar.

— Estamos de novo aqui graças ao trabalho dele. O Sr. Nolan é a personificação de um workaholic. Lembram quando o professor de inglês falou disso? É ele! Não sabemos quanto tempo “painho” ficará no Brasil. Vive reunido com esses políticos que aparecem nos noticiários.

O ônibus de Sophie chegou. Um rápido beijo e ela se despediu de Pedro. Poucos minutos depois, era a vez de Everton embarcar. Antes, cutucou o amigo:

— Até mais, Romeu. Fica ‘tiste’ não, amanhã tem chocolate ao leite de novo.

Pedro fechou a mão e levantou o dedo médio em resposta. Apesar do gesto, não negava: a ausência de Sophie era difícil de suportar.

Vinte minutos e nada do ônibus de Pedro. Decidiu encarar os oito quilômetros que o separavam de seu lar. “A caminhada me fará bem”.

Ao contrário de suas previsões, conseguiu uma baita dor de cabeça. Entrou em casa, tomou um comprimido, engoliu o almoço e se atirou na cama acompanhado de inexplicável angústia. No sonho viu Sophie em um ônibus, que pouco depois se transformou em avião. Ela acenava adeus por minúscula janela. O efeito do remédio não o permitia fugir do reino de Morfeu. Horas depois, leve bater à porta o trouxe de volta. Era a irmã.

— Hora do jantar.

— Já vou.

“Caramba, dormi demais!”.

Pedro dirigiu-se à sala de jantar. Da mesa, como de costume, o pai assistia o noticiário da TV.

— Oi, mãe. Oi, pai.

— Shhh! - Fez o pai, pedindo silêncio. O âncora do telejornal concluía a reportagem sobre uma horrível e constante combinação, que adquiria ares de banalização no Brasil: corrupção e políticos.

— Quería que alienígenas abduzissem todos eles. Já pensou quanto dinheiro economizaríamos? Essa roubalheira impede o Brasil de se tornar o grande país que poderia ser. Os personagens desses escândalos são sempre políticos. Eles corrompem ou se deixam corromper por empreiteiras; multinacionais; banqueiros... Os alienígenas precisariam de uma grande nave...

Pedro pouco captou do noticiário. Menos ainda do discurso do pai. O efeito do medicamento para dor de cabeça deixou o jovem um tanto ‘avoadó’, até o amanhecer do dia seguinte.

“Cadê Sophie?” – Perguntava-se Pedro, enquanto mirava a cadeira vazia a seu lado. Ele permaneceu alheio durante as duas primeiras aulas. No intervalo, tentou contactá-la inúmeras vezes. Nada.

Uma garota sem ardis, sem querer (será?), driblou toda a zaga do time daquele Don Juan tupiniquim e o vencia de goleada. Pela primeira vez, ele fora fisgado. A branquela “made in Salvador”, que vivia a lhe dar chocolates “made in Switzerland”, atravessou o Atlântico, aterrissou na escola e ocupou a mesa vizinha, o tempo, os pensamentos e o coração daquele Chocolate “made in Brasília”. O caçador se tornou caça; o conquistador, conquistado.

Ao final das aulas, Pedro arrancou qual Ferrari, que vai de zero a cem em oito segundos. Novas tentativas de contato. Só recebia a odiável mensagem de caixa postal.

No dia seguinte, começariam as provas bimestrais. Ele precisava aproveitar a tarde e rever o conteúdo de biologia. No bimestre anterior sua nota, por pouco, não ficou abaixo da média. Só de pensar nos sermões paterno e materno, dava-lhe mal-estar.

Anoiteceu. Amanheceu. A mesa vizinha lembrou-lhe o Atacama. Ele se sentia como em cenário de filme de terror. De um lado, a inexplicada ausência de Sophie. Do outro, saúde pública, ecossistemas, DNA, aquecimento global, vírus, inquilinismo, cooperação, predativismo e outros saberes de biologia estavam ali, na prova, desafiando-o. Ele se esforçou o quanto pôde. Foi o último a terminar. Percebeu quando ouviu:

— Pedro, o tempo acabou. Por favor, me entregue a prova.

— Professor, você sabe algo sobre a Sophie? Desde ontem ela não aparece. Hoje perdeu a prova.

— Não sei, Pedro, mas posso me informar e compartilho com você o que descobrir. Talvez haja algum aviso na coordenação.

— Obrigado, professor.

Manhã seguinte. Pedro foi direto à sala dos mestres. O professor de biologia debruçava-se sobre a prova aplicada no dia anterior.

— Bom dia, professor, posso?

— Claro, Pedro - respondeu o professor, virando a prova que corrigia -, é sobre Sophie?

— Sim, alguma informação?

— Não se conhecem as razões, mas a família dela deixou o Brasil.

Alguns pregam que, antes do Big Bang, haveria um grande “nada”. Não há consenso quanto a isso. O que seria esse “nada”? Como poderia existir? Difícil compreender. Esse tal “nada” deve ser muito similar ao que Pedro sentia depois de ouvir o professor. Bio quer dizer vida; logia significa estudo. Estudo da vida. Pedro se sentiu morrer. Esforçou-se para não chorar. Claudicante, se retirou, sem agradecer ou se despedir.

O pai de Pedro, uma vez mais, parecia hipnotizado pelo noticiário, “shhh” fez ele. O âncora do telejornal informava:

— A polícia federal desbaratou quadrilha, que superfaturava contratos. Em planilhas descobertas nos computadores da sede brasileira da multinacional suíça Constructeur, em São Paulo, figuram diversos políticos, que em troca de propina...

A matéria durou, ainda, algo em torno de trina minutos. Ao final, Pedro ousou perguntar:

— Pai, você pode me explicarmais sobre essa notícia? Não ouvi a matéria toda...

— Que surpresa boa, Pedro, seu interesse pelo noticiário – disse-lhe o pai. Em seguida, explicou detalhada e demoradamente.

— Entendeu, filho?

— Agora sim. Obrigado, pai. Vou para meu quarto estudar. Tenho prova amanhã.

Curioso como o ser humano reage quando submetido a situações de perda. Alguns (de ambos os sexos) descem ao fundo do poço, de lá emergindo só depois de muita ajuda e antidepressivos. Outros, que igualmente sofrem, devem possuir antídotos em suas células, um quê de resiliência, pois, pouco tempo depois, retornam “ao jogo”, quase novos em folha.

“Sophie nem pôde se despedir. Agora entendo o porquê. O ‘painho’ era o testa de ferro da multinacional. Ele conseguiu escapar da polícia federal. Roubou, também, a minha namorada e o que construímos. Suíço filho de uma égua!”

Amanheceu. Nos derradeiros preparativos antes de rumar para a escola, Pedro se atentou à letra de uma canção, que ouvia pela primeira vez. Um tal Carlos Jansen descrevia encantos das mulheres com as quais se relacionou:

[...]olhos verdes de Telma, [...],sobrancelhas de Lia, belo rosto de Clara, nariz fininho de Isabela, [...] lindo queixo de Estela, boca carnuda de Josie, beijo gostoso de Emília, sorriso aberto de Rose, palavras doces de Lílian, [...].

Um leve sorriso lhe brotou. Pedro externou: “adeus casal chocolate ao leite. Só não me tornarei um solitário chocolate amargo”.

O cantor prosseguia:

[...] cabelos loucos de Tânia, costas lindas de Vânia, cinturinha de Iara, pele macia de Keila, seios firmes de Neide, [...] coxas durinhas, Lisandra, [...] mãos carinhosas de Isaura, braços e abraços de Jane, [...] cheiro de amor de Cristina, jeito terno de Luma, inteligência de Ceres [...], mas o amor é só ‘duma’: da soma dessas mulheres”.

Pedro mirava-se no espelho e já fazia chacota: “só uma mulher? Sem chance. O campeão voltou! Torcer para que não me apareça uma bela adolescente francesa, trazendo o melhor croassã do planeta. Chega disso! Quer dizer, croassã com chocolate é uma boa combinação... Melhor eu me mandar. Hoje a prova é de matemática!”.

Não pode dar chocolate para cachorro?

Evalderiany Honorata de Souza

Um homem estava sentado no banco de uma praça, muito deprimido. Segurava na mão direita uma caixa de bombons caros e em outra, um buquê de rosas vermelhas. O celular deixado ao lado ainda piscava com a tela iluminando as palavras “chamada encerrada”. Ele abaixou a cabeça, deu um longo suspiro. Precisava aceitar que estava tudo acabado. Buscou lembrar os acontecimentos do último minuto.

Tinha uma namorada há dois anos, que por causa do trabalho foi morar em outra cidade. Os meses em que ficaram distantes esfriaram a relação do casal. Apesar de não ser como antes, ele ainda tinha esperança de que o namoro voltaria a ser como antes desde que se esforçasse para manter a chama acesa. Quando ela avisou que conseguira umas férias do trabalho e estava a caminho, foi uma grande felicidade para ele.

Correra para comprar a caixa de bombons mais gostosos que vira na vitrine, além do ramalhete exuberante que deixaria qualquer mulher comovida. Marcara o encontro com a namorada na praça e estava animado a esperá-la. Esperou por vários minutos, o que importava a distância se o amor era mais forte?

Ele notou que a namorada estava atrasada, o que era estranho, já que ela era uma pessoa pontual e se estava com saudades dele, devia estar ansiosa para revê-lo também. Acontece que ela não veio. E ao ligar preocupado se alguma coisa tivesse ocorrido, a amada lhe disse que queria terminar o relacionamento há alguns meses. Marcou o encontro, porque pretendia dizer pessoalmente a ele que não o amava mais, porém houve contratempos que a fizeram viajar de novo e ela esquecera-se de ligar avisando.

Terminado. O namoro de dois anos estava terminado. Ao receber a notícia, ele entrou em choque e deixou o celular sobre o banco em que estava sentado. Sentia tristeza, uma dor profunda que apertava seu coração. Bem, se ela não o amava mais, não havia nada

que ele pudesse fazer para mudar os sentimentos. Precisava superar este rompimento.

Olhou para o buquê de rosas perfumadas. Ficar com essas flores somente causava mais sofrimento. Ele se levantou e entregou o ramalhete a uma senhora idosa que acabara de atravessar a rua. Pronto, tinha se livrado de uma recordação. Faltava a caixa de chocolates.

— Eu não posso dar para as pessoas, pareceria suspeito um homem dar bombons para crianças na praça... Também não gosto de chocolate... Mas não posso simplesmente jogar a comida fora quando tanta gente ao redor do mundo passa fome... - Ele refletiu.

Ele se preocupava bastante com as pessoas e com o planeta. Por isso, mesmo que olhar a caixa de chocolates lhe trouxesse dor devido ao rompimento com a namorada, ele não aceitaria simplesmente jogar comida no lixo. Entretanto, também não queria aqueles bombons. Será que havia alguém para quem pudesse dar o chocolate?

Um cachorro que vivia livre pela praça passou em frente dele. Era a solução para o seu problema, alimentaria um cachorro de rua faminto e em troca se livraria dos chocolates. Ele assobiou para o animal, que rapidamente captou o som e se aproximou dele. O canino parecia amigável, estava magro e um pouco sujo, felizmente não mostrava ferimentos ou doenças. Ao farejar o doce nas mãos do homem, o cachorro balançou a cauda em sinal de que queria os bombons. Então ele tirou o chocolate do papel alumínio e levantou a mão para arremessar.

— Você está louco? - Uma pessoa caminhou na direção dele tão veloz que o homem demorou perceber que tinham tirado o chocolate da sua mão.

A indagadora furiosa com ele era uma mulher. O rosto dela tinha uma expressão de muita raiva. Ela tomou o bombom da mão dele, antes que fosse jogado para o cachorro, ela comeu o chocolate de uma vez só. Sua atitude o assustou.

— Por que pegou o bombom que eu daria para o cachorro? - ele perguntou.

— Sou veterinária e estou salvando este animal. Você não sabe que chocolate pode causar a morte dos cachorros? Há uma substância que se ingerida pelos caninos, mata eles na mesma hora! Não permitirei que isso aconteça na minha frente!

Ela estava ainda mais irritada do que antes. Mas quando se abaixou para ver o estado do animal de rua, o rosto suavizou e a voz ficou mais gentil. Ela tirou um petisco que carregava na bolsa e deu para ele comer.

— Eu não sabia disso, não era minha intenção matar o cachorro. Apenas quero me ver livre desses chocolates, mas não posso simplesmente jogá-los fora.

— Então me dê eles, comerei todos - ela pediu. O homem lhe entregou a caixa e em questão de poucos minutos, a veterinária tinha comido todos os bombons.

— Fico contente que esses chocolates façam alguém feliz. Mais uma vez, me desculpe por quase matar esse cachorrinho - ele abaixou os olhos, desanimado.

Diante do pedido de desculpas sincero, a mulher refletiu um pouco.

— Eu sou a Carolina, e adoro animais. Quem é você? — ela se levantou.

— Leó, e acabei de saber que meu namoro acabou.

— Estes chocolates... Eram para a pessoa que gosta?

Léo apenas acenou positivamente com a cabeça. Sem saber como agir, Carolina se sentou ao lado dele no banco. A tarde chegava ao fim com um belíssimo pôr do sol capaz de aquecer até os corações deprimidos. O cachorro de rua que ela alimentara com petiscos deitou-se do lado do banco de madeira onde eles estavam. Que conselho Carolina poderia dar a uma pessoa que acabara de passar por um rompimento? Na verdade, ela não devia ter comido todos os chocolates da caixa daquela forma, uma vez que eram presentes para a ex-namorada.

— Sinto muito por devorar os bombons sem pensar duas vezes. Eu não sabia sobre seu término... Comprarei uma caixa nova

para você, desde que me prometa nunca mais dar chocolates para os cachorros - a veterinária ponderou.

— Não é necessário! - ele se ergueu agitado.

Percebendo a própria reação exagerada, Léo se desculpou e voltou a sentar-se. Ele precisava de um tempo sozinho, estava claro. Carolina olhou o horário em seu celular, tinha uma consulta marcada para daqui a pouco, devia se apressar.

— Eu tenho que ir agora, espero que você fique bem, Léo. E quanto a você... - Carolina se voltou para o cachorro que continuava ali perto - Cuide desse cara para que ele não faça nenhuma bobagem.

Ela se virou para a direção do sol se pondo e admirou o cenário mais uma vez antes de ir embora. Se não havia nada que pudesse fazer para ajudar o sujeito ali sentado. Ao dar o primeiro passo, o chamado de Léo a deteve por alguns instantes.

— Prometo não dar chocolate para qualquer animal pelo resto da minha vida - sussurrou ainda de cabeça baixa.

Fazer uma promessa assim já era um começo de que ele estava tentando se recuperar. A dor da perda era mesmo difícil, se ao menos ele tivesse algum apoio... Carolina observou que o cachorro continuava deitado do lado do banco da praça mesmo depois que ela se levantou. Então o canino estava esperando Léo!

— Sabe que tive uma ideia de como você pode seguir em frente. Adote esse cachorrinho fofo! - Sugeriu. Diante do olhar descrente dele, Carolina prosseguiu - Do ponto de vista psicológico, adotar um animal depois de um rompimento é uma das melhores formas de superar. Apesar de quase tê-lo matado, sua intenção era boa ao lhe dar comida e ele gostou de você.

Escutando a proposta dela, Léo abaixou o olhar até o lugar onde o animal permanecia esperando. Adotar aquele cachorro? Não tinha tempo nem para si, como conseguiria cuidar do animal? Principalmente quando se encontrava deprimido, não havia ânimo para dar atenção a qualquer outra coisa que não fosse sua própria lamentação.

Como se percebesse que o assunto se tratava dele, o cachorro levantou a cabeça e balançou a cauda novamente. O animal se apegara

a ele durante aquela tarde. Estava solitário e sozinho nesse mundo tal como o homem. Léo suspirou, pensativo sobre a proposta de levar o canino. Perder a namorada e ganhar um cachorro lhe parecia muitos acontecimentos para um só dia. Mas diante da ideia de deixar o amigo de quatro patas para trás, ele considerou que não custava tentar.

— Adotarei ele, então. Que nome devo dar?... Bombom?

Enquanto Léo pensava na primeira palavra que lhe veio à mente ao procurar um nome, Carolina riu. O cachorro também latiu. Bombom era um nome interessante, pois foi por causa dos chocolates que ele conheceu o animal e a veterinária que devorara todos os doces da caixa para salvar o canino. Era uma história engraçada de como ele conseguiu sair da depressão no dia em que tinha tudo para somente se lamentar. E tudo por causa do cachorro, ou melhor, por causa da mulher que lhe tomou o chocolate da mão para que não desse ao Bombom.

— Ele gostou do nome. Espero que vocês cuidem um do outro - a mulher disse.

— Sim, vamos cuidar um do outro. No entanto, o Bombom precisa de cuidados médicos devido ao tempo em que passou na rua abandonado. Quando voltaremos a encontrar você de novo? - Léo perguntou, finalmente com um sorriso.

— Tenho uma clínica aqui perto... Será ótimo acompanhar a recuperação do Bombom e sua também. Eu adoro animais e chocolates - ela comentou humorada.

— Então da próxima vez que nos virmos, levarei tanto o Bombom como uma caixa de bombons - Léo apertou a mão de Carolina, em breve despedida.

Acompanhou com os olhos ela seguir para a próxima esquina. Ela salvou a vida de Bombom e talvez tenha salvado seu dia também. Léo passou a mão sobre a cabeça do cachorro que olhava para ele com atenção e sorriu. Cuidar de Bombom de repente não lhe parecia algo tão complicado. Ter um cachorro era um sonho de infância prestes a realizar. Se tanto Bombom quanto ele estavam solitários, poderia fazer bem aos dois terem um ao outro.

— Vamos para a casa, Bombom. Mas nada de chocolate para você.

Léo pôs-se de pé e chamou divertido o cachorro pelo nome. O canino também se levantou e o acompanhou rumo a um recomeço para ambos, que iniciou com um telefonema e uma caixa de bombons caros.

A Trégua Natalina

Guilherme Souto Sanchez

Johan acorda de um cochilo de várias horas, bocejando e se espreguiçando enquanto levanta do duro banco em que estava deitado. Olha ao redor do vagão de trem, vendo a mesma meia dúzia de rostos de antes de cair no sono. São todos soldados como ele, voltando das trincheiras na França para passar algumas semanas com a família. Um breve, mas vital descanso dos horrores da Grande Guerra. Nesses primeiros dias de janeiro, Johan foi um dos sortudos que conseguiu alguns dias de folga para voltar à sua cidade.

Ele estica um pouco seus braços e pernas e se senta novamente no banco, entediado por causa da longa duração da viagem. Só mais algumas horas e estaria em Berlim com sua família. Olha pela janela a imensidão verde e branca da floresta coberta de neve e solta um suspiro de melancolia e alívio. Como teve saudades desse verde, preso como estava em uma imensidão de marrom enlameado e do cinza de armas e concreto. O alívio que sente por estar longe do inferno da guerra é grande, mas a tristeza em lembrar-se de seus amigos e compatriotas mortos no conflito é muito maior. Quando sente que está prestes a derramar lágrimas, balança a cabeça para voltar a si e começa a mexer em sua mochila desorganizada, procurando o livro que está lendo.

Enquanto tira vários itens da mochila, acidentalmente deixa um pacotinho de papel cair no chão. Ele abaixa para pegá-lo, só reconhecendo o que era quando o coloca no colo. Chocolate. A primeira palavra ele consegue adivinhar, mas todo o resto escrito em inglês continua um mistério. Não entender a língua não diminui o gosto do doce e muito menos o sorriso que preenche o rosto de Johan quando se lembra de como o improvável presente chegou em suas mãos.

Pouco mais de uma semana atrás, o clima geral nas trincheiras era de tristeza e saudades de casa. Era a véspera de Natal de 1914 e centenas de milhares de soldados de vários países estavam presos com

rifles em mãos, congelando na lama atrás de fortificações em vez de comemorar com suas famílias e amigos. Ainda assim, o conflito havia diminuído com o passar das horas. Em um canto mais distante das linhas alemãs, alguns soldados começaram a improvisar árvores de Natal e a ideia pegou tração rapidamente. Alguns oficiais mais rígidos não gostaram da ideia, pensando serem distrações desnecessárias, mas o desgosto deles não foi o suficiente para impedir os soldados de tentarem aproveitar a data.

Logo alguém começou uma cantiga natalina desafinada e isso se espalhou como um incêndio – Em poucos minutos, toda a linha alemã estava cantando. Os ingleses, um de seus inimigos e os que ocupavam a trincheira hostil não muito longe da alemã, não quiseram ser deixados para trás e começaram a cantar também. Em pouco tempo, a cantoria que começou como uma competição havia se unido em um coro natalino improvisado.

Nas horas que seguiram a violência praticamente parou; rifles e canhões de artilharia estavam em silêncio e tropas dos dois lados trocavam provocações amigáveis e cantoria. Soldados de imensa coragem foram enviados entre as trincheiras para trocarem mensagens e logo uma trégua de Natal foi acordada entre os oponentes.

Nesse e nos próximos dias, uma paz que não viviam fazia meses reinou. Lenta e cuidadosamente os soldados começaram a sair desarmados de suas trincheiras, esticando as pernas e caminhando pela terra de ninguém. Ingleses e alemães se encontraram, confraternizando nesse precioso período de paz. Como muitos dos soldados dos dois lados tinham recebido presentes no feriado, a ideia de os trocarem com o lado oposto surgiu. O esquadrão de Johan eventualmente saiu em conjunto para a terra de ninguém e logo se encontrou com um grupo de ingleses. Logo conversas bilíngues confusas e quebradas surgiram entre os inimigos em trégua, e mesmo nessa confusão, presentes foram trocados animadamente. Johan deu parte de seu tabaco para Peter, um soldado inglês de que nada mais sabia além do nome na etiqueta de seu uniforme. Um dos recrutas mais novos do esquadrão trouxe uma bola e, no mais improvável dos lugares, uma pequena partida de futebol começou. Um empate, mas ninguém se importou com o resultado; os

dois grupos voltaram para as trincheiras rindo e conversando sobre o que havia sido um dos momentos mais marcantes da vida deles.

Johan volta a si e seca uma lágrima de alegria de seu rosto, uma das poucas desde o estourar da guerra. Ele abre o pacote e quebra um pedaço do chocolate, o colocando na boca e o deixando derreter lentamente. O gosto é razoável, mas junto da lembrança da trégua milagrosa ele fica fantástico. Enquanto olha para as árvores passando rapidamente pela janela, Johan pensa que, mesmo no caos da guerra, havia vivido o melhor Natal de sua vida. Porque mesmo que muitos houvessem comemorado com suas famílias e outros Natais que viveu tivessem sido na tranquilidade de sua casa, só nesse havia acontecido um verdadeiro milagre natalino. E enquanto se aproxima de Berlim, Johan torce, com esperança no coração, que o resto do mundo siga esse exemplo de paz e que a matança sem sentido da guerra acabe logo.

A fantástica fábrica de fantasias

Sandra Denicievicz

Seis amigos estavam reunidos em um supermercado. Cada um se preparava para o programa que viria a seguir. Logo, começaram as preliminares.

Wanessa era a mais nova. Ela era... um tanto selvagem. Adorava marcas de mordida, e saboreava cada instante lentamente, sentindo a saliva engrossar e o corpo estremecer, os sentidos se anestesiavam. Tinha um apetite insaciável. Gostava do forte, do amargo, pois lhe causavam arrepios.

Ao contrário de Wanessa, Eduardo se considerava o último romântico. Apaixonado pela suavidade, era envolvido aos poucos. Preferia seduzir e saboreava a conquista lentamente. Tinha paciência e se entregava demoradamente às **Sensações** do paladar.

Luana adorava o instantâneo, porém, não abria mão da essência aveludada marcante. Aquele **Lancy**, sabe? *Que* fica na mente por muitos dias. A pegada doce e inquietante atormentava os seus sentidos, mas mesmo assim ela não tinha problema em substituí-la por outra ainda mais provocante.

A jovem Augusta era do tipo que precisava ser conquistada à moda antiga, flertava o alvo vagarosamente, não era seduzida pelo gosto passageiro. Adorava o mistério, derretia-se pelo escuro, mas não era qualquer um que lhe dava água na boca, não! Precisava ter graciosidade, sutileza e a vivacidade de um **diamante**, de preferência **negro**.

Bruna simpatizava com o estilo vira-lata, mesmo que seus pais, amigos e até a avó não entendessem por que se apaixonava tão rapidamente por aquele tipo. Tantos bons partidos no mercado, com melhor aparência.... Ela foi se encantar justamente pelo **Caribe** mais barato.

Gustavo era o mais despreocupado, ele era fisgado pelo jeito despojado e moderno, que tem a capacidade de se adaptar a qualquer

situação. Aquele que sempre consegue se reinventar e graças a essa capacidade **Bis**, passa de amor de verão a paixão para a vida inteira.

Naquela noite haviam resolvido juntar as expectativas. O problema foi a briga danada que deu. Primeiro para decidir qual filme iriam assistir, depois de uma longa discussão, resolveram que seria o clássico Titanic. Mas, o pior dos impasses ocorreu a seguir, diante da prateleira de doces: Afinal, qual caixa de chocolate comprar para acompanhar o filme? Já que os seis eram chocólatras, compulsivamente indecisos e donos de expectativa e gostos tão diferentes quanto às caixas mágicas que abrigavam o bombom preferido de cada um.

Chocolate salva-vidas

João Eduardo Cerqueira

Sempre que conto esta história, as pessoas não acreditam, acham que eu estou brincando, mas foi verdade. Hoje eu decidi que deveria deixar gravado para sempre minha gratidão. Vinte anos atrás eu estava no pior momento da minha vida, sem dinheiro para comer, quanto mais para pagar aluguel. Comecei a me envolver com pessoas que prometiam me dar o mundo inteiro se eu entrasse para o grupo deles. Com um filho pequeno para alimentar, eu sentia como se estivesse me afogando em um mar de angústia. Eles começaram a arranjar uns trabalhos questionáveis que mal davam para comprar o pão com café que era o jantar meu e de meu filho. Até que veio a fatídica carta do senhorio avisando que se o aluguel não fosse pago até a noite do dia seguinte, seria despejado.

Sem saber mais o que fazer, corri atrás do grupo, pedindo ajuda. Eles só colocaram um revólver em minha mão dizendo:

— Tome este cano, irmão! Essa é a única ajuda que a gente tem, vai lá e faz seu nome.

Como não tive coragem de recusar a arma, diante de tantos olhares duros, guardei o metal frio na cintura, por baixo do casaco surrado e fui embora. Lá ele ficou durante o dia inteiro, enquanto eu rodava procurando algum lugar que contratasse um diarista. No final da tarde eu já estava desesperado, então comecei a pedir esmola no sinal. Duas horas depois eu não tinha conseguido o suficiente nem para pagar o jantar. Vendo que não haveria escolha, procurei um alvo para atacar. Pensei que uma vendinha de esquina talvez fosse o mais seguro. Enquanto caminhava pela rua, passei em frente a uma chocolateria fechando as portas.

Apesar das luzes já estarem apagadas, espiando pela vitrine consegui ver que só havia um velho lá dentro, limpando uma das mesinhas. Algo estalou dentro de mim, como se meu corpo estivesse dizendo que esse era o momento. Entrei rapidamente e tranquei a porta ao passar enquanto puxava a arma da cintura e anunciava o assalto.

Nessa hora algo muito estranho aconteceu. Enquanto eu tremia de medo, revolver em punho, apontado diretamente para o peito do velho, ele olhou para mim calmamente e falou:

— Boa noite, meu rapaz! Gostaria de alguma coisa? Já estou fechando a loja. — Eu olhei para ele sem acreditar.

— Você tá cego ou você está de brincadeira comigo? Não tá vendo a arma na minha mão? Isso é um assalto! — Ele não quebrou o contato visual em nenhum momento.

— Certamente que vejo esse belo revolver em sua mão, filho, mas o que quero saber, é o que você deseja. — Percebi através da penumbra que o velho sorria. Não um sorriso mal, ou um que conotasse deboche, um sorriso genuíno e quente.

— Quero dinheiro, ué! Ande logo com isso, por acaso quer morrer? — Eu estava aterrorizado e apesar da ameaça, não tinha intenção alguma de puxar o gatilho.

— Certamente que não, pelo menos não enquanto não tiver tirado a panela do fogo. Imagine só, deixar uma perfeita calda de chocolate como essa queimar porque eu decidir morrer. — Enquanto dava a volta no balcão em direção ao caixa, ele falava amenamente, como se estivéssemos conversando sobre o tempo. Ele abriu o caixa e começou a tirar as notas de dentro. Me adiantei para pegar o dinheiro, mas quando ele estendeu a mão, nela havia um brigadeiro decorado com uma jaquetinha laranja de pasta americana.

— Aqui, experimente este enquanto eu termino de pegar o dinheiro. Acabei de criar essa receita e já que você decidiu me fazer essa esplêndida visita hoje, poderia ao menos me dizer o que acha dela? — Baixei lentamente a arma, olhando estupefato para aquele senhor. Ali estava eu, armado, ameaçando matá-lo e ele me oferece um brigadeiro?

De forma automática, peguei o brigadeiro da mão dele, em silêncio. Levei o doce à boca meio desconfiado, mas assim que ele tocou minha língua, percebi que era de alta qualidade. Meio amargo, levemente apimentado e com um aroma muito distinto. Eu particularmente nunca antes tinha prestado muita atenção em chocolate, mas ali, no escuro, isso mudou. Enquanto mastigava,

pensava distraidamente em todos os elementos que compunham aquele doce. De repente me vi falando sobre isso com ele:

— Realmente muito gostoso, apesar de eu achar que você podia ter sido mais ousado na pimenta, o gosto dela ficou meio apagado, devido ao fato do chocolate ser meio amargo. Gostei bastante do visual, por outro lado, isto é um colete salva-vidas?

— Sim, é! Magnífico! Concordo plenamente com seu comentário! Vejo que você entende de chocolates, filho! — Ele parecia genuinamente encantado com meu comentário, tanto que acrescentou: — Já que estamos no assunto, gostaria de provar esse outro?

Desta vez foi um bombom com pedacinhos de castanha em cima e uma interrogação de chocolate preto desenhada. Ao morder descobri que era um chocolate muito amargo, mas que dentro, escondido nele havia uma uva sem caroço muito doce. Aquele contraste era perfeito, Aqueles opostos se entrelaçavam de tal forma que eu não queria mais parar de comer. Disse exatamente isso a ele, que bateu palminhas e riu de felicidade.

— Que ótimo! Modéstia à parte, são um dos meus melhores. Pouca gente se atreve a experimentá-lo devido ao detalhe da interrogação, mas não abro mão do suspense. Gostaria de um pedaço desse? — Desta forma seguimos, experimentando chocolates e trocando opiniões.

A arma jazia há muito em cima do balcão, esquecida. O maço de dinheiro fazia companhia a ela. Enquanto isso ia me empanturrando de chocolate dando dicas e anotando receitas. Como os pratos estavam se acumulando, o velho pegou a arma e me estendeu, corronha para frente. Quando ele tinha tocado no revolver, eu tinha ficado tenso por um momento, mas ele não tinha intenções ruins.

— Será que poderia guardá-la? Vamos precisar de mais espaço, a calda está pronta eu quero colocá-la logo em cima do bolo que iremos provar agora. Aqui, pegue logo o dinheiro também. — Eu estava completamente sem graça e até tentei recusar o dinheiro em um reflexo de dignidade. Porém, lembrei de meu filho em casa, provavelmente dormindo à essa hora e peguei o dinheiro. Senti a necessidade de explicar o motivo, então enquanto comíamos o bolo,

contei o que estava acontecendo com minha vida. O velho ouviu calado, mas quando terminei o sorriso cresceu em seu rosto:

— Meu caro, não existe mais problema algum! Veja bem, desde o momento em que entrou aqui sabia que você não era uma pessoa má, e sim uma pessoa em necessidade. Agora que já estabeleci que você serve para o serviço, você está contratado! – fiquei olhando para ele sem entender.

— Pegue este dinheiro, pague suas dívidas, compre um uniforme igual ao meu e volte aqui com seu filho. Tenho um quartinho nos fundos que não está sendo usado. A partir de amanhã você começa a trabalhar aqui como meu ajudante.

Demorei alguns segundos para perceber que aquele homem que eu ameaçara de morte estava salvando minha vida. Não aguentei e comecei a chorar. Não parei de derramar lágrimas por todo o caminho e ao passar por um esgoto, joguei a arma dentro. No dia seguinte estava na porta da chocolateria, de mãos dadas com meu filho. Apontei para o velho que estava dentro e disse para ele:

— Vê aquele senhor, filho? Ele tem a alma mais pura que eu já conheci. Tudo que teremos de hoje em diante é por causa dele. – Entrei, apresentei meu filho, comecei a trabalhar e nunca mais parei.

Hoje, vinte anos depois, essa incrível alma partiu e deixou a chocolateria em meu nome. Minha gratidão é sincera e é por isso que tento passar adiante a lição de vida que ele me deu. Todas as segundas eu distribuo chocolates e água para os pedintes da área. Afinal, um pouco de doce pode mudar a vida de uma pessoa para sempre.

Ciocolato

Joaquim Bispo

Este relato começa quase no final da volta que Roberto Gama costuma dar pelo hipermercado local, a meio da tarde, arrastando o cesto de plástico com rodas que vai fazendo o troc-troc típico no piso de mosaicos. A certo momento, conferiu o que já levava: uma pizza pré-cozinhada em forno de lenha, um frasco de azeitonas, leite, tostas, maçãs reineta... Para esse dia, chegava, mas, antes de se dirigir às caixas de pagamento, era altura de passar pelos corredores onde gostava de se apropriar de algum bem facilmente escamoteável: uma embalagem de fatias de presunto; uma caixa de preservativos; uma escova de dentes — tudo mercadorias achatadas e leves. Desta vez, escolheu um chocolate de leite suíço de uma marca conhecida e, com a destreza do hábito, meteu-o por dentro da camisa previamente forrada de papel de alumínio, por causa da deteção eletrônica.

Como se percebe, esta prática a que ele chamava “taxa de cliente frequente” era mais um jogo lúdico e rebelde que lhe vinha da adolescência do que uma manha de falsário. Agradava-lhe uma certa tensão que sempre experimentava e gostava de pensar que introduzia uma minúscula, mas real, reposição de justiça de tipo “Robin Hood” nas relações comerciais que os magnatas das mercearias impõem ao grande público. Mas sempre sem exagerar, não se desse o caso de ser apanhado. Dirigia-se já para as caixas, quando deu de caras com uma antiga namorada no corredor das conservas.

— Roby! Que surpresa! — quase gritou ela, ao vê-lo. — Moras por aqui?

— Olá! Há quanto tempo! — exteriorizou também Roberto, em luta mental para se lembrar do nome da amiga. — Moro ali na Arroja. E tu?

— Moro em Loures. Vim à Loja do Cidadão e acabei por entrar aqui no Super.

— Que interessante! Não nos vemos desde quando?

— Eu sei lá... Para aí há dez anos. Eu devia ter uns vinte e cinco! Casaste?

— Não; e tu? Na altura foste atrás dum tipo mais velho...

— Não, não correu bem. Continuo solteirinha e boa rapariga... Nem sempre por opção... — riu-se com a graça da queixa.

Nesse momento, Roberto lembrou-se da tablete de chocolate. Desconfiou que tinha amolecido. Era natural; havia já um bocado que estava próxima do calor do corpo. Ainda mais agora...

— Olha, eu preciso de ir à casa de banho. Ainda vais fazer mais compras?

— Não, só levo aqui uma lasanha, para logo; e achei barata esta garrafa de vodka.

A passagem pela caixa não foi tão rápida como convinha a Roberto. A dupla tensão fez os seus estragos — começou a sentir nitidamente uma massa pastosa a escorrer-lhe pelo umbigo.

Depois de saírem, o problema já não parecia tão grave; só um pouco constrangedor. Prosseguiram a conversa pelos corredores do centro comercial, em direção ao parque de estacionamento.

— Roby; quem havia de dizer que te encontrava aqui! Lembras-te que nos conhecemos também num centro comercial? E tu não eras de modas... convidaste-me logo para ir ao teu quarto.

— Bons tempos! As paródias que a gente fazia...

— Tu eras muito maluco! Daquela vez que querias no elevador!

— Do elevador não me lembro; mas quando fomos apanhados no provador da Zara? — Roberto riu-se com gosto, relembrando o episódio. «Tinham sido tempos realmente desvairados. Como é que ela se chamava?»

Ela também se riu, comprazida com as recordações. Praticamente, saltitava ao seu lado. Para ele, estas lembranças estavam a piorar sensivelmente a situação. Fechou um pouco o riso quando sentiu que a pasta de chocolate estava cada vez mais fluida e vencera a resistência do cinto na cintura. A invasão das zonas íntimas não era completamente desagradável, mas não era o momento... De qualquer

modo, tinha de se livrar rapidamente da companhia, para poder compor-se. «Mas, com esta conversa, não é o momento...»

— E as experiências que tu inventavas... Uma vez arranjaste ovos cozidos... Outra, chantili... Besuntamos o lençol todo. “Ganda” bodeguice!

— Olha se tivesse sido chocolate!

— Hum! *Ciocolato!* — o trejeito de deleite indicava que a pronúncia italiana lhe trazia boas emoções. Sou doida por *ciocolato*. Era o que devias ter arranjado... Até o lambia...

Sabe-se que os mais brilhantes homens perdem parte da capacidade racional quando as funções cerebrais responsáveis pelo pensamento lógico são atordoadas pelas emoções. De um momento para o outro, Roberto deixou de se preocupar com a tablete liquefeita que descia pelo seu corpo e vislumbrou uma promessa de resto de tarde como antigamente. E, antes que o córtex pré-frontal retomasse o comando, saiu-lhe da boca o convite:

— Lá em casa tenho *ciocolato*...

— Maroto! E é bom o teu *ciocolato*? — perguntou ela, em tom insinuante.

— Do melhor. Suíço! — abriu-se Roberto em sorriso. — Vou só ali à casa de banho.

Aproximavam-se das casas de banho e da escada rolante para o estacionamento, quando a jovem reparou que as pessoas se viravam à passagem deles. Viu então que Roberto tinha os sapatos manchados e ia deixando um rasto de pingos castanhos. Estacou e encarou-o, em pedido mudo de explicações.

— É chocolate! — respondeu ele, confrangido, mas o esgar no rosto dela afastando-se indicava que não tinha sido convincente.

— Olha! Olha! Amiga! Eu posso explicar — lançou ainda Roberto, ignorando os olhares de censura que o cercavam.

— Regina! — respondeu a rapariga, virando o rosto sem abrandar o passo.

Brigadeiros e uma, duas ou três xícaras de chocolate quente

Lilian de Castro

Olhou aquele objeto de longe, sentiu o cheiro de doce no ar, seguiu o cheiro, e finalmente estendeu a mão para pegar a colher.

— Tão denso. Parece uma lama, mas sem aquele cheiro peculiar de lama. Sempre brinquei de lama na infância. Você também brincava com lama, mãe?

Ela olhou com a sobrelha esquerda erguida, pegou a colher da sua mão, encheu com o brigadeiro e a entregou de volta.

— O que você quer saber?

A resposta veio até a ponta da língua, mas estava ocupada demais naquele momento, saboreando a deliciosa lama marrom, que na verdade era o brigadeiro.

— A lama era o que tínhamos para brincar, meus irmãos e eu. Também imaginava uma situação inversa da sua, filha. A lama era a panela de brigadeiro que não existia, não tinha dinheiro para tamanho luxo na época.

O doce por algum tempo perdeu o sabor dentro da boca. A vontade dela era voltar no tempo e levar uma panela cheia de brigadeiro para aquela criança, que hoje é a sua mãe.

— Ensina?

— O quê? Hein, filha?

— Fazer brigadeiro.

O brigadeiro dela era delicioso. Mas ela queria aprender a fazer o seu brigadeiro, para adoçar a vida da sua mãe com chocolate e amor.

— Para que serve o brigadeiro?

— Engordar.

— Depende, mãe. Pra mim é bolinha ou colherada de chocolate para adoçar a alma, porque ele não representa dor dentro de mim, nunca me faltou brigadeiro, nem chocolate na vida. Pra você tem outro sentido, e até outro sabor. Sabor amargo, mas não é o amargo 75% ou 100% cacau, é o amargo de ruim, o amargo de dor.

— Então eu decido. Este brigadeiro só serve para me engordar. Mas senão recorro a falta no passado, pra que serve o brigadeiro?

Deixou a colher cair em cima do fogão, e olhou pra sua filha.

— Já disse. Para adoçar a alma. Fiquei sabendo que os anjinhos lá no céu fazem grandes quantidades de brigadeiro todos os dias, e quando a noite chega jogam todos os brigadeiros para a terra, com isso pretendem adoçar a vida das pessoas. Acho que você está precisando receber mais brigadeiros.

Sorriu para a sua mãe e esperou a reação dela.

— Cuidado, você!

— Com o quê, mãe?

— Com os brigadeiros que os anjos jogam lá do céu, fica esperando pelos mesmos, e de repente o anjo deixa escapar a panela, o restante você já sabe.

Gargalharam muito, juntas.

— Não adianta querer te alegrar, né, mãe? A vida só tem sentido se coloco sentido nela, seja viajando, trabalhando, e até fazendo um simples brigadeiro. Olhar para a vida sem sentido perde o brilho, o vigor, o amor. Até parece que você não me ama?

— Adianta falar que amo?

— Sei que me ama.

Deu um forte abraço na sua mãe, aquele abraço que parece não ter fim.

— Perdoa?

— Perdoar o quê, mãe? Só toma cuidado, e não é com a panela de brigadeiro que pode cair em sua cabeça, e sim com os anjos. Eles podem contar pra Deus da sua rispidez.

— Os anjos são fofoqueiros?

— Não. Eles são mensageiros de Deus. E Deus quer que o amor se espalhe, então os anjos acharam esse o melhor jeito para espalhar o amor, sem falhas. Pois o amor e o chocolate estão sintonizados, conectados. Nunca reparou que em quase todas as comemorações se presenteia com chocolate?

— Quando eu era criança, ninguém me ensinou sobre o amor, estavam ocupados demais.

— Nossa! O brigadeiro endureceu na panela, mãe. Coloca a panela no fogo para derretê-lo. Quando eu era criança comia terra, não era por falta de chocolate, porque eu era criança, criança é inocente, arteira. Já pensou nisso, mãe?

Ela sorriu.

— Filha, filha! Vem ver o brigadeiro derretendo, agora está parecendo a lama marrom, com cheiro bom e o sabor deve estar delicioso. Sabor chocolate que adoça a alma.

Hipnotizada pelo brigadeiro borbulhando na panela, a mãe dela mexia sem parar, parecia brincar na lama da sua infância. Agora, se divertia mais do que naquele tempo, onde faltava tudo, principalmente a oportunidade de ser criança com brinquedos, magia, bonecas e chocolate. Brincava de lama, lama suja, às vezes perigosa para a saúde.

— Olha a fumaça subindo, você vai tirar a panela do fogo, mãe?

— Acho que sim.

— Espere um pouco, por favor. Vou enviar um recado para os anjos, quero que eles falem para Deus curar a senhora da dureza no coração.

— O quê?

Com a cara de brava, a mãe dela tirou a panela de brigadeiro do fogo, despejou numa travessa de vidro, e deixou o mesmo esfriar um pouco.

— Por que você faz isso, filha?

— O que estou fazendo, mãe?

— Você sabe que não tem cura, que vou tomar remédio o restante de vida que Deus me conceder.

— Ah, mãe! Você é chata. Não esperou o meu recado chegar lá no céu, e tirou a panela de brigadeiro do fogo.

— E daí?

— Daí nada. Sei que você toma remédios para o coração, só queria pedir pra Deus mais alegria em sua vida, tipo essa que estamos vivendo agora. Mãe e filha nesse momento brigadeiro de lama, ou seria

lama de brigadeiro? Parece que eu fazia você mais feliz quando, era criança. Por que os pais perdem a alegria com os filhos, a partir do momento em que eles estão crescendo?

Ela baixou a cabeça, e começou a fazer bolinhas de brigadeiro sem parar.

— Tenho medo de te perder, por isso queria enviar o recado pra Deus.

Seus olhos encheram com lágrimas, ela parou e ficou olhando para cima.

— Preciso pedir para a Nice limpar o teto, está sujo, cheio de teias de aranha.

— Mãe! Vamos comer brigadeiro? Sem medo de engordar, prontas para receber a doçura do chocolate na alma?

— Podemos.

— Onde está o granulado?

— Acabou. Vamos comer sem granulado mesmo?

— Não, mãe. Pode deixar que eu compro o granulado.

— Então pega o dinheiro na minha carteira, em cima da estante da sala.

Na estante da sala havia vários porta-retratos, ficou ali por um bom tempo, admirando todas as fotos. As fotos que eram histórias registradas, onde ela tinha vontade de entrar e reviver todos aqueles lindos momentos. Sentiu um perfume no ar, um suave e doce perfume, conhecia aquele cheiro, era o cheiro da sua mãe. Virou e lá estava ela a observá-la.

— E o granulado?

Saiu devagarinho em direção à porta e enviou um beijo para sua mãe, através de um sopro que passou pela sua mão como se fosse uma ponte. Após algum tempo na rua, voltou com o granulado dentro de uma sacolinha plástica de supermercado. Entrou com seu passo pisando em nuvens, sem barulho.

— Mãe, onde você está?

— Aqui no quarto, filha. Resolvi ler um pouco, enquanto a esperava.

Fechou o livro, levantou da sua poltrona macia, pegou a sacolinha de plástico da mão de sua filha, e disse:

— Quantas vezes já pedi para não trazer sacola de plástico do supermercado?

— Milhões de vezes, mãe.

— Por que continua trazendo?

— Esqueci. Vamos terminar de fazer os brigadeiros?

— Sim.

Elas partiram em direção à cozinha abraçadas, com as mãos no ombro uma da outra. E se o tempo parasse naquele momento, seria a foto mais bela que colocaria em um porta-retratos. Mas o tempo não para, ele corre, sem ao menos dar pausas, mas a mente registra todos os momentos, e guarda-os numa caixinha chamada coração. Quando quer reviver os momentos pede a chave para a alma, que sempre adoçada com chocolate e amor, não recusa a emprestá-la.

— Os dias estão frios demais. Mal chegou o inverno e está insuportável sair na rua. Mãe, faz um chá para nos aquecer? Tem biscoitos?

— Nós vamos comer brigadeiros. Pode deixar que faço um chá bem delicioso, com biscoitos e brigadeiros.

— Melhor. Faz chocolate quente, combina mais com brigadeiros.

— Sim, senhorita. Faço chocolate quente, com biscoitos e brigadeiros. Os pais não perdem a alegria de viver com os filhos porque estão crescendo, pelo contrário, a alegria de viver aumenta ao vê-los assim. Mas precisamos passar ensinamentos, então parece que somos rígidos demais. Só queremos que os filhos apreciem o nosso esforço, as dificuldades de viver, e ganhem experiência para a vida.

— Estou com muito sono, acho que é por causa do frio. Vou tomar esse chocolate quente e tirar um cochilo.

Levou as mãos à boca e bocejou, comeu um brigadeiro, esquिवou-se do assunto, pois a visão de mundo era bem diferente da visão de sua mãe, novos tempos, nova era, evolução. A vida tem lá suas dificuldades, mas não precisa ser dura como ferro, passar por dificuldades não era sofrimento na visão dela, e sim crescimento.

— Mãe. O chocolate quente está pronto?

— Sim, filha.

— Vou tomar uma xícara de chocolate quente.

Pegou a xícara, encheu com chocolate quente até a borda, e sentou novamente. Tomava o chocolate quente, comia brigadeiro, engolia biscoitos, não sei se era fome ou por pura gulodice, pois levantou e encheu novamente sua xícara com chocolate quente.

— Hei, mocinha! Não vai me esperar?

— Sim. Estou lhe esperando, mãe. Mas isso não me impede de esperar você tomando algumas xícaras de chocolate quente, não é mesmo?

Ela sorriu.

— Será que vai sobrar uma xícara de chocolate quente pra mim? E alguns brigadeiros e biscoitos? Eu aprendi a amar, ou verdadeiramente sobre o amor quando você nasceu, filha. Descobri que antes de você eu tinha um relacionamento amplo com o amor, a partir do momento que recebi você em meu ventre tudo mudou, e você veio ao mundo trazendo a profundidade desse amor, amor incondicional, amor puro e verdadeiro. Gratidão a Deus por essa bênção em minha vida, gratidão a você, filha amada, que todos os dias me ensina a mergulhar sem medo no amor.

Uma grande pausa aconteceu naquele ambiente, as duas ficaram tomando chocolate quente, comendo brigadeiros e biscoitos.

— Mãe, vou explodir.

E gargalhou.

— Simples né, filha. Stop! Pare de comer e beber.

Deram risadas.

— Qual livro a senhora está lendo?

— Um livro de autoajuda. Preciso me conhecer melhor, me amar, me respeitar, e não pense que isso é egoísmo.

— Não estou pensando. A senhora que colocou palavras na minha boca. Que tal deitarmos na sua cama com um cobertor bem quentinho? Ele vai nos aquecer desse friozinho, aí a senhora lê alguns capítulos do livro para mim, igualzinho quando eu era criança.

— Podemos.

Aquela tarde de inverno estava de bater o queixo de tanto frio. Após alguns brigadeiros, e uma, duas, três xícaras de chocolate quente, acompanhadas de biscoitos com muita manteiga, mãe e filha resolveram ficar deitadas debaixo de um cobertor bem quentinho.

— Filha, a coberta é para dividir. Você a enrolou toda debaixo do seu corpo.

E sorriu.

— Desculpas. Pensei que ia pegar uma só pra senhora. Faz tempo que está lendo este livro? Nunca vi o mesmo por aqui?

— Ele estava guardado em uma gaveta. Outro dia fui ao centro da cidade, passando perto de uma livraria, gostei da capa e o comprei. Hoje, depois da nossa conversa sobre a minha rispidez, minha falta de felicidade na vida, resolvi começar a ler.

Naquele instante ela percebeu que sua mãe queria mudar a maneira de pensar, talvez evoluir ou ter uma mente feliz, que passasse por tristezas e preocupações, sabendo sorrir e cantar, também. Ela tinha plena consciência de que a vida apresentava fases obrigatórias, pelas quais todos passavam para chegar ao amadurecimento, e o envelhecer era opcional.

— Finalmente, a senhora encontrou o livro mágico. Tenho certeza de que na metade dele vai voltar a brincar mesmo nessa fase madura que se encontra na vida, o importante é sempre dar oportunidade à mudança. Temos que rir mãezinha, e encontrar o bom humor todos os dias.

— Será, filha?

— Temos quer ter ideais na vida, mãe. Nós envelhecemos e morremos se deixarmos de lado nossos ideais. Não deixe o passado afetar sua vida, foque no presente, na família linda que formou, nas bênçãos que recebeu, seja grata. O passado não pertence mais a você. Quando recordar a dor do passado, foque nos brigadeiros de chocolate que os anjos toda noite jogam lá do céu, garanto que rapidinho sua alma vai ficar doce o suficiente para esquecer a dor, e focar no amor. Agora, que tal começar a ler o livro em voz alta? Também quero conhecer o conteúdo dele.

Sua mãe começou a ler o livro em voz alta para ela ouvir a história, também. Ela aconchegou-se no ombro de sua mãe, puxou a coberta para aquecer seus braços, e logo adormeceu.

A mãe aproveitou que sua filha dormia, ajeitou a mesma na cama e foi em direção à janela, pois a noite já havia chegado e o céu estava repleto de estrelas. Olhou para o alto, como se estivesse esperando algo cair de lá. De repente, alguém entrelaçou os braços em sua cintura, abrindo as mãos segurando um brigadeiro. Era a sua filha.

Eu só quero chocolate

Paulo Luís Ferreira

Um casal namora no banco da praça. – conversam, é o mais apropriado dizer – O rapaz pergunta para a moça:

— Quer pipoca?

— Não, eu quero chocolate.

— Chocolate não tem. Tenho bala. São balas do George Soros...

— O George Soros faz balas?

— Faz, as balas Soft.

— Não conheço essa... É de chupar ou mastigar?

— E tem bala de mastigar? Essa é das normais, de chupar.

— Não engasga?

— Se não tomar cuidado, engasga sim.

— Como assim tomar cuidado?

— Tem que chupar até o fim, não pode engolir.

— Ah, não! Eu posso me distrair, e engolir. Você não tem chocolate? É mais fácil.

— E mais gostoso também. Mais eu não tenho. Tenho chiclete Adams, quer?

— E a família Adams faz chicletes?

— Não, a família Adams faz vampiros.

— É, e vampiros não chupam chicletes!

— É de mastigar ou chupar?

— De mastigar. E tem chiclete de chupar?

— Acho que tem. Deve ter.

— Eu nunca vi.

— Os meus é de caixinha.

— De caixinha? Existe chiclete de caixinha?

— É chiclete de mastigar.

— Ah não, eu só quero chocolate, você tem chocolate?

— Não. Só chicletes Adams e Balas Soft.

— Ah não, agora me despertou a vontade. Eu quero chocolate.

— Chocolate eu não tenho, mas lá em casa tem um pé de cacau. Vamos fazer um chocolate?

— E você sabe fazer chocolate?

— Sei fazer mousse?

— Mas para fazer o mousse primeiro tem que fazer o chocolate.

— É, a gente pergunta para as pessoas, alguém deve saber.

Os dois se calam. E se dão as mãos. Estão absortos olhando vagamente o horizonte quando um Passante se aproxima cheio de pressa.

— Olha, vem vindo um moço, vamos perguntar pra ele.

— Ah, então vamos!

— Mas primeiro não fala do chocolate, pergunta outra coisa.

— Por quê?

— Ele pode se assustar.

— Eu pergunto o quê então?

— Pergunta que horas são.

— Ah não, então pergunta você.

— Por que você não quer perguntar?

— Eu tenho medo.

— Ah, sua boba... Então vamos perguntar os dois juntos.

— Então tá. 1, 2, 3, já!...

O Casal — Ei! Psiu!

O Passante — (Distancia-se sem lhes dar atenção).

O Casal — (Outra vez, mais forte) Ei!

O Passante — (Sem parar, finge mais ainda que não ouve).

O Casal — (Insistindo) Ei! Psiu! Ei!

O Passante — Eu?

O Casal — Sim, o senhor.

O Passante — O que foi?

O Casal — Por favor, o senhor tem horas?

O Passante — (Com mau humor). São 29 e 47. (volta a caminhar).

O Casal — Eil Um segundo, por favor.

O Passante — O que vocês querem?!

O Casal — Por gentileza, nós queríamos saber uma coisa... Será que dá para o senhor nos ajudar, tem uma coisa que tá nos perturbando?... Latejando o juízo!

O Passante — O que é?

O Casal — Não repare perguntarmos, mas o senhor tem certeza de que nós, você, esse banco de praça, estas árvores, esses carros, essas pessoas, existem ou é impressão nossa?

O Passante — Vocês são loucos?... Claro que existem!

O Casal — Você poderia nos dar uma prova?

O Passante — Não, não posso provar nada!... Olha aqui meus caros se vocês são loucos ou cegos o problema é de vocês. O que eu sei é que existem, e que vocês estão loucos!... Não está vendo, não?

O Casal — Estamos...

O Passante — Então!

O Casal — Mas não temos certeza...

O Passante — Pois eu tenho.

O Casal — Tem, é? E se tudo isso for fruto de um sonho nosso... Ou seu?... Percebe esse segundo que agora passa... — puxa um relógio do bolso e põe no ouvido dele; é um relógio antigo do tipo de algebeira, com corrente — Tic-tac, viu! Já passou... Hoje, como todos os dias, mais um ano, é menos um dia... Menos vida... Mais um dia... É menos viver. Se foi, já passou. — apontando para o relógio — Aqui dentro está o outro lado do conhecido. O presente talvez... O futuro quem sabe... Mas, na verdade, só o passado existe, e está aqui dentro. Agora me diga que espécie de dia é hoje?

O Passante — Vocês são loucos?

Ele — Você sabia que o Pateta perguntou a mesma coisa para a Clarabela, e ela respondeu a mesma coisa? Você tem certeza de que estamos acordados?... Você garante que estamos vivos? E se formos desenho?... A quem pertence este sonho?

O Passante — Eu acho que é um pesadelo de vocês!... Mas, o que vocês querem saber? Eu estou perdendo muito tempo com vocês. Vamos, digam logo o que querem!

O Casal — O senhor sabe fazer chocolate?

O Passante — (Com mau humor). Sei, claro que sei. (Vai saindo).

O Casal — Ei! Um segundo, por favor.

O Passante — O que vocês querem agora?!

O Casal — Por favor, a gente está querendo fazer um mousse de chocolate, mas não temos chocolate. Só temos o cacau. Não repare a gente perguntar, mas o senhor sabe mesmo fazer chocolate?

O Passante — Claro que sei. Ora, quem é que não sabe fazer chocolate?

O Casal — Nós não sabemos. Será que dá pra o senhor nos ensinar como transformar o cacau em chocolate?

O Passante — Mas como assim, ensinar a fazer chocolate? Agora?

O Casal — É, ué! A gente paga para o senhor!

O Passante — Ah, é! E quanto vocês me pagam?

O Casal — Três potes de mousse.

O Passante — Mas, só?... Dá muito trabalho fazer chocolate.

O Casal — Está bem, damos três potes de mousse e um cacau maduro.

O Passante — Está bem, onde é a casa de vocês?

O Casal — Embaixo do pé de cacau

O casal se abraça e sai caminhado ao lado do Passante.

O Passante — Vocês sabem as origens do chocolate?

O Casal — Não senhor, o senhor sabe?

O Passante — É lógico que sei. Tudo começou com os Maias. Como todos já sabemos o chocolate é derivado do cacau que é uma planta nativa de uma região que vai do México, passando pela América Central até a região tropical da América do Sul.

O Casal — Isso nós sabemos. Foi o Tim Maia que fez aquela música, “Eu só quero chocolate. Só quero chocolate, não adianta vir com guaraná. Prá mim é chocolate”

O Passante — Não, não é isso. Eu estou falando dos Maias.

O Casal — É esse mesmo, o Tim Maia!

O Passante — Não, estou falando da descoberta do chocolate lá pelos anos 1.500 a.C. que vem da civilização Olmeca que habitava o México na época. E que foi aproveitado pelos Maias. O cacau era cultivado e com suas sementes era feita uma bebida considerada sagrada, ela era amarga e geralmente temperada com canela, cravo, noz moscada, baunilha e pimenta. Nas cerimônias religiosas, o cacau torrado era servido com essas especiarias e mel.

O Casal — Mas em Ilhéus também tem plantação de cacau, oras!

O Passante — Eu sei. Isso é verdade, hoje o Brasil é o maior produtor de cacau da América Latina, já que encontrou em nossa terra o ambiente ideal para seu cultivo. E Ilhéus, na Bahia e o Espírito Santo são os estados que mais produzem o cacau.

O Casal — E o que o senhor mais sabe sobre cacau?

O Passante — Que após o domínio espanhol sobre os Maias, o cacau foi introduzido em toda a Europa.

O Casal — Você poderia me dar uma prova sobre isso?

O Passante — Não, não posso provar nada.

O Casal — Se o senhor não prova nada como é que nos garante que sabe fazer chocolate?

O Passante — Ora, isso é fácil de provar, eu provo fazendo.

O Casal — Então vamos começar logo que eu quero ver.

Chegam a casa e entram pela cozinha.

O Passante — Cadê as amêndoas?

O Casal — Que amêndoas?

O Passante — As amêndoas do cacau, oras!

Ela — Aqui estão as amêndoas.

O Passante — Agora o leite.

Ele — Deixa que eu pego. – traz o leite e entrega.

O Passante — Cadê o açúcar?

Ela — Vou buscar.

O Casal — Achamos melhor o senhor explicar como faz primeiro depois o senhor começa, assim se o senhor errar a gente lhe ensina como se faz direito.

O Passante — Tá bom, então prestem bem atenção. É assim que se faz:

Primeiro você pega 1 Kg de cacau seco (amêndoas);

Coloque as amêndoas numa panela e leve ao fogo baixo para torrar. Mexa constantemente com uma colher de pau, até apresentar suaves estalos;

Aperte as amêndoas entre os dedos verificando se a casca sai facilmente. Se sair, retire do fogo e descasque todo o cacau torrado;

Passo o cacau torrado e descascado num multiprocessador ou liquidificador;

Junte ao cacau moído 2 Kg de açúcar e 2 litros de leite fresco;

Leve a mistura ao fogo médio, mexendo sem parar até a massa soltar completamente do fundo da panela. Apague o fogo e continue mexendo de 3 a 5 minutos.

O Casal — E agora como é que a gente faz para comer?

O Passante — Você põe entre os dentes superiores e inferiores e mastiga, ora! Será que até isso eu tenho que ensinar?

O Casal — Não se irrite, fique calmo!

O Passante — Bom, vamos lá... Vocês querem o chocolate em tablete ou em pó?

O Casal — Qual dos dois é melhor para fazer mousse?

O Passante — Aí é vocês que sabem, eu sei fazer chocolate, não sei fazer mousse. Vocês é que disseram que sabia fazer mousse, não foi?

O Casal — Foi.

O Passante — Então façam, que eu quero meus três potes de mousse e o meu cacau. Conforme o prometido.

O Casal — Está bem, espere um pouco. Já vamos fazer. Mas pra isso faça umas barras pra gente ver.

O Passante — Para fazer o chocolate em tabletes despeje a massa numa assadeira untada com manteiga. Deixe esfriar um pouco e corte em pedaços no tamanho desejado.

O Casal — Só isso? E em pó, como faz?

O Passante — Ah, vocês já estão querendo demais, isso não estava no trato, pra ensinar fazer em pó eu quero mais dois potes de mousse; aí eu lhes ensino como fazer, certo? Em pó é mais difícil.

O Casal — Tá bom, vá lá, mais como nós vamos lhe ensinar como fazer mousse o senhor tem que nos pagar com um pote de mousse, então em vez de dois, nós só vamos lhe dar mais um pote.

O Passante — Tá bom, tá bom. Para fazer o chocolate em pó é assim: depois da massa pronta, retire do fogo e continue mexendo até esfriar e tornar-se granuloso. Em seguida, passe em uma peneira fina.

O Casal — Só isso?

O Passante — Só.

O Casal — Ficou cara essa aula, heim!... Vamos começar a fazer o mousse

O Passante — Mas primeiro vocês me ensinam como é a receita, porque se vocês errarem eu lhes ensino como se faz direito.

O Casal — Primeiro os ingredientes, que são:

O QUE PRECISA

- 1 lata de leite condensado;
- 1 colher (chá) de manteiga ou margarina;
- 1 lata de creme de leite gelado;
- 3 claras em neve;
- 4 colheres de chocolate em pó, (achocolatado).

COMO FAZER

1 – Leve ao fogo o leite condensado, a manteiga e o achocolatado, mexendo sem parar até que a mistura solte do fundo da panela;

2 – Reserve e deixa esfriar.

3 – Misture o creme de leite e as claras em neve até obter uma mistura homogênea.

4 – Despeje a massa em um refratário e leve ao congelador por aproximadamente 50 minutos.

5 - Sirva bem gelado.

O Passante — Tudo pronto!... Então vamos comer.

O Casal — Vamos comer no banco da praça?

O Passante — Vamos!

No banco da praça os três comem o mousse com tanta avidez que lambuzam todas as bocas. Ao fim, passam os dedos limpando o pote e levam à boca e lambem. Saciados, suspiram prazerosamente. Ela diz:

Ela — Vamos fazer sorvete de chocolate?

Ele — Eu não sei fazer sorvete de chocolate.

O Passante — Eu também não sei fazer sorvete de chocolate, sei fazer de maracujá.

Ela — Não, eu só quero chocolate!

Ele — Como é que a gente faz, então?

O Passante — Agente pergunta para as pessoas, alguém deve saber.

Os três se calam. E se dão as mãos. Estão absortos, olhando vagamente o horizonte quando uma passante se aproxima cheio de pressa.

O Casal — Olha, vem vindo uma moça, vamos perguntar pra ela.

O Passante — Ah, então vamos!

O Casal — Mas primeiro não fala do sorvete de chocolate, pergunta outra coisa.

O Passante — Por quê?

O Casal — Ela pode se assustar.

O Passante — Eu pergunto o que, então?

O Casal — Pergunta que horas são.

O Passante — Por que vocês não querem perguntar?

O Casal — Nós temos medo.

O Passante — Ah, seus bobos!... Então vamos perguntar os três juntos.

O Casal — Então tá. 1, 2, 3, já!...

Os três juntos — Ei! Psiu!

Bolo de chocolate com abraço de vó

Eduardo Paraguassu

1. O jardim

A gente morava em um sítio. Minha mãe havia ficado viúva e lutara do jeito que podia para me criar. Eu era um adolescente besta e ela me pediu ajuda para fazer um jardim. Comecei a trabalhar na coisa, mas vivia dando desculpas para deixar o jardim da mamãe para lá e ele nunca vingou. Minha mãe não esquentava, dizia que ia chegar o dia em que eu por minha própria vontade iria querer terminar o serviço só para deixá-la feliz. O tempo passou, tornei-me um homem, trabalho para uma multinacional, tenho um filho, já casei algumas vezes e o jardim ficou por isso mesmo.

2. A visita do neto

Adoro contar histórias para o meu neto, enquanto ele prova do meu bolo de chocolate com leite quente. João, por sua vez, adora ouvir minhas histórias, apesar do pai dele - o meu filho sabido e incrédulo - viver dizendo que sou uma velhinha caduca e que não falo coisa com coisa. Mesmo assim, sempre que a coisa aperta, o meu filho querido manda João para a minha casa, pois casa de vó é lugar de felicidade, mesmo que a vó seja uma pobre velhinha caindo aos pedaços meio fora da realidade. O que o meu filho sabido não sabe é que eu finjo que não sei de nada para ele poder me mostrar o tanto que ele sabe e se sentir ainda mais sabido e “feliz”, aí eu digo a ele que a vida é mágica porque nos permite aprender o tempo todo, mesmo quando estamos velhos, e a magia, nesse caso específico, está em que os professores dos velhos pais são os filhos, que agora sabem tudo e podem retribuir as lições que receberam dos pais quando meninos, ajudando os velinhos progenitores a se adaptarem às coisas da modernidade. O fato é que meu filho sabido fica tão satisfeito quando demonstra sua sapiência para a velha mãezinha.

Como é difícil dar carinho para aquele meu filho, já que ele se julga um “senhor”, massagear-lhe o ego está valendo, não é?!

– Vó?!...O carro desceu do céu?

– Desceu, João! E a luz dos faróis entrou pela janela e a noite virou dia...

– E o motorista, vó?!

– Abri a porta para o motorista. Ele estava vestido com uma roupa engraçada, usava um macacão e um capacete!

– E o que ele queria, vó?

– Bom! Ele tirou o capacete e eu vi que o motorista era um homem velho, e que não me era estranho! Para dizer a verdade, o motorista era a cara do seu pai. Ele sorriu e me perguntou se tinha bolo de chocolate. Graças a Deus que eu tinha acabado de fazer bolo. Ele comeu bolo e bebeu leite, e antes de ir embora, me pediu um abraço. Pela janela, vi quando o carro subiu, subiu até desaparecer no céu!

– Vó?!

– O que foi, João?!

– Papai me disse que a senhora inventou essa história!

– E daí, João?! Você não gosta dela?...Acho que gosta, já que toda vez que vem me ver, me pede para contá-la! – Eu gosto, vó! E a história fica ainda mais gostosa com bolo de chocolate, leite quente e abraço de vó!

3. O experimento

Já não sou tão jovem. Os cabelos ralearam, o tempo e o peso dos óculos cada vez mais grossos cavaram buracos enormes debaixo dos meus olhos, e minha vontade de conquistar o mundo é menor que a minha vontade de comer um pedaço de pizza requentado no micro-ondas que ficou do jantar de ontem guardado na geladeira.

Apesar de testemunhar diariamente a minha decadência toda vez que me levanto, vou escovar os dentes e me vejo obrigado a olhar para o espelho, não posso reclamar da vida, pois possuo um lugar para

morar, tenho um ótimo plano médico e meu geriatra é gente fina e costuma ser complacente comigo, ao contrário dos colegas dele com quem andei me consultando antes de conhecê-lo, não me obrigando ao sacrifício de fazer dietas radicais demais ou praticar horas intermináveis de ginástica, tudo isso, é claro, para evitar o entupimento das minhas artérias carótidas e a conseqüente falência do meu coração. Tenho o que comer, a minha cama é macia e o mundo ainda está cheio de moças bonitas, e admirá-las, até ontem, me dava um enorme prazer.

Acontece que hoje acordei deprimido. Sinto-me vazio e a vida meio que perdeu o sentido. Passei o dia em casa na cama teclando no celular, mas não achei nada de interessante no universo virtual a não ser o anúncio de uma empresa que prometia devolver a felicidade para quem havia perdido ela, e liguei para o lugar e marcaram uma hora para mim. Pelo que eu entendi, eu seria uma espécie de cobaia para um experimento que poderia vir a salvar milhões de indivíduos afogados na depressão. Pediram para que eu fizesse uma série de exames e passei a aguardar ansiosamente pelo que viria a seguir.

No dia do experimento, apresentei-me a um certo Joseph Tyler. O lugar era um escritório no centro de São Paulo, mais precisamente na Avenida Paulista.

– Tenho aqui comigo o resultado dos seus exames, meu amigo!

– Estou curioso, doutor!

Tyler me colocou sentado diante de um monitor de computador ultramoderno e fez com que os resultados dos meus exames aparecessem diante dos meus olhos em três dimensões.

– Você sabe, nós queremos descobrir um meio de fazer com que nosso cliente possa experimentar o maior prazer que ele já sentiu na vida tantas vezes quanto queira.

– Gostaria muito de sentir como me senti na minha lua de mel, ou quando o meu time ganhou o campeonato brasileiro de futebol., quando meu filho João nasceu!

O cientista sorriu.

– Nós descobrimos as memórias que lhe dão mais prazer e o tanto de prazer que elas lhe deram e ainda lhe dão. Veja o gráfico! Sua

lua de mel está em azul; o time, em vermelho; e o nascimento do seu filho em verde! Vai observar que o prazer vai aumentando do nascimento do fato até a realização dele, e depois de concretizado o fato, o nível de prazer cai e se estabiliza em um nível que toda vez que você recorda o fato, essa memória lhe traz algo de feliz, mas jamais você vai acessar o nível extremo de prazer que esse fato te proporcionou ao concretizar-se, mesmo que o fato se repita, como, por exemplo, o nascimento de um outro filho. As situações mudam e cada situação gera um nível de prazer diferente.

– Que engraçado, o maior nível de prazer que eu já alcancei está na minha infância...

Tyler riu.

Nós não temos como fazer você sentir o mesmo prazer, mas podemos fazer com que você experimente de novo a situação que fez com que você sentisse o maior prazer que já sentiu! –

Não me diga que o senhor tem uma máquina do tempo?!

O cientista ficou sério.

– Está disposto a ir em frente no experimento? – Tem algum risco, doutor?

– Viver é sempre arriscado, meu amigo!

– É verdade!

Tyler me fez vestir um traje parecido com o que os astronautas usam. Achei graça, a princípio, mas não foi nada engraçado quando ele me arrastou para um elevador e subimos até o alto do edifício onde me deparei com uma nave em forma de esfera feita de um material transparente, sendo introduzido dentro dela e acomodado numa cadeira, amarrado com várias cintas apertadas.

Tudo chacoalhou à minha volta, quando ouvi a voz de Tyler no meu ouvido dizendo que eu me preparasse, porque iria sair voando, e assim aconteceu. A esfera subiu, como que atirada por um canhão, e depois desceu em queda livre. Uma vez no chão, as amarras se soltaram e a porta de saída do veículo se abriu. Saí meio temeroso do que viria a encontrar do lado de fora. Estava escuro, e vi uma luz logo adiante, rumando para lá. À medida que caminhava, comecei a

perceber que aquele lugar era conhecido até que parei diante da porta de uma casinha. Bati à porta, que não tardou a abrir.

– Boa noite, o que o moço deseja?

4. Bolo de chocolate com abraço de mãe

Quando cruzei os olhos com os olhos dela, o coração deu um pulo. Imediatamente, passou pela minha cabeça a lembrança daquele triste telefonema, quando me informaram que ela havia partido.

– Tem alguém aí?!

Voltei à realidade com o puxão daqueles dedinhos magros. Levei então as mãos até a cabeça e aliviei-a do capacete.

– Desculpe-me!...Tem sim!...Tem alguém!... Eu estou dentro desta fantasia!

Ela esticou os olhos para me ver melhor. Tratei então de abaixar, deixando que minha cabeçorra ficasse ao alcance das mãozinhas. Ele tocou o meu rosto e sorriu.

– Vi o seu carro descendo do céu! Imagino que é um viajante e que deve estar com fome! Fiquei ali parado sem acreditar que minha própria mãe não havia me reconhecido. Será que estava tão velho assim?! É verdade! Havia muitos anos que ela se fora e também tinha o fato de eu não saber ao certo que época era aquela em que eu estava, apesar de suspeitar que não era um tempo muito longe dos últimos dias de minha mãe.

– A senhora tem bolo...

– ... De chocolate?!

De chocolate!!!

Ela sorriu e me mandou entrar com um gesto das mãos pequenas e maltratadas. Entrei e me acomodei no velho sofá. Ela não demorou muito e chegou trazendo uma bandeja de bolo e uma xícara de leite quente. Juro que nunca comi algo tão gostoso. Acabado o lanche, levantei-me e já me achava quase na porta, quando senti um novo puxão no traje espacial. Voltei-me para ela e vi que minha mãe estava com os braços abertos me ofertando um abraço. Lágrimas correram dos meus olhos, abri meus braços e inclinei-me para abraçá-la. Ficamos ali durante um infinito minuto de carinho. Por fim, me despedi e voltei para a nave,

acomodei-me na cadeira e apertei o botão escrito: “de volta”. Tudo voltou a chacoalhar e a nave levantou voo.

5. Prazer maior

– Muito bem, meu amigo, como foi de viagem? Tyler me acomodou diante do monitor e, de repente, as informações sobre o nível de prazer proporcionado pela minha viagem pipocaram diante dos meus olhos.

– Incrível! – O que é incrível, doutor?

– O prazer que você experimentou, suplantou o maior nível de prazer que você já chegou! Como pode ser uma coisa dessas?!...Será que a repetição de um experimento prazeroso pode aumentar ainda mais o prazer alcançado na experiência original?

Sorri.

– Não é isso, doutor!

– Então, explique-me, meu amigo!

– O que eu vivi foi único e simplesmente maravilhoso, apenas isso!

Sempre que posso, faço uso do experimento para estar novamente com minha mãe, quando conversamos a respeito da vida, enquanto ela me serve um lanche.

Da última vez que eu estive com ela, minha mãe e eu andamos de braços dados pelo sítio e vi que o lugar onde deveria haver um jardim ainda estava lá esperando por cuidados. Disse a ela que deixasse comigo, que eu ia cuidar daquilo ali e ela ficou toda feliz. Agora estou aqui me preparando para mais uma incursão no passado escolhendo algumas mudas. Se quiser, pode me ajudar com o jardim, aceito palpites. A depressão? Foi embora!

Chocolate

Rozemar Messias

Marília chegou da aula e quase passou correndo para o quarto sem notar a bela embalagem dourada em cima da mesa da cozinha. Quase, porque o cheiro a atraiu. Ela jogou a mochila ali mesmo no chão, próximo à mesa e subiu na cadeira para enxergar melhor.

A caixa dourada tinha uma grande fita vermelha, que Marília retirou com cuidado. Dentro inúmeros bombons de chocolate, com formatos variados, só brancos, só pretos, e também brancos com pretos, com e sem recheio.

A garota sentiu a saliva aumentar, o cheiro convidativo, então resolveu experimentar só um, com certeza a mãe não ia se importar. Mas qual seria? Todos eram muito convidativos.

Marília decidiu por um mesclado, chocolate preto na parte de baixo e uma parte por cima enroladinha de chocolate branquinho. A garota enfiou o bombom inteiro na boca, sentindo o coração encher de alegria!

Depois ela arrumou a caixa do jeitinho que estava antes, ouviu a mãe ainda no portão, conversando com a vizinha, correu pro quarto, guardou a mochila e voltou pra cozinha, deu mais uma espiadinha na porta, a mãe tagarelava animada, estava feliz, pois era dia do aniversário dela, isso explicava os bombons que o pai comprou para a mãe. A caixa dizia chocolates finos, bombons especiais.

Marília decidiu comer mais um, só de chocolate preto e com recheio, pegou o escolhido e dessa vez comeu bem devagar, mordendo pedacinhos pequenos, para que demorasse mais a terminar. Depois lambeu os dedos, um a um, limpou a boca, tampou a caixa, arrumou a fita.

Que bom gosto do papai! Marília voltou para o quarto, tirou o uniforme, pôs chinelo de dedo e roupa de brincar lá fora. Nada da mãe, Marília já estava impaciente, ficou por ali, indo e vindo e quando a mãe finalmente encerrou a conversa com a vizinha e entrou, no lixo da cozinha vários papéis dourados, na mesa a caixa arrumadinha, vazia.

Xícara

Alberto Arcchi

Uma xícara de chocolate
enriquecido com canela
e piri-piri:
preto como a noite,
amargo como a vida,
picante como o amor.

Problema do chocolate

Alessandro Diniz

Uni, duni, tê
É tão difícil escolher
Branco, puro, ao leite
Problema bom de resolver.

O puro é muito forte
É diamante negro
O branco é doce como a sorte
Essa mistura dá enredo.

Tem também o meio amargo
Que é de lambar os dedos
Se eu pego, eu não largo
Não dá nem pro começo.

Ao leite ele fica suave
Um deleite de prazer
Enquanto derrete na boca
Me fazendo enlouquecer.

Em pó ou granulado
Na bebida e o brigadeiro
E ainda tem achocolatado
Com muito açúcar no meio.

Uni, duni, tê
É mais difícil escolher
De uma caixa de bombons
Salamê, mingûê.

Tem de variados tipos
É de se lambar os beiços
E pelos formatos e cores
Logo logo os reconheço.

Um sortido de sabores
Com recheio e sem recheio
Meus adorados amores
Chocolate de todo jeito.

Vai até na pizza doce
É um verdadeiro vício
Vai no bolo e no sorvete
Resistir é um sacrifício.

Chocolate, chocolate
Das sementes do cacauero
Sabe a vontade que bate?
Degustá-lo o ano inteiro!

Chocolates

António Pedro

A vida é uma caminhada
Doce como o chocolate
Chocolate, chocolate, uma
Combinação de amor e alegria

Aqui compararei meus dias?
A não ser com cada dentada na
Combinação de amor e alegria
O chamado chocolate

Caminho neste mundo chocolatado
Onde teus lábios foram adossurados

Em pó ou em barra
O chocolate quando pelo
Organismo é ingerido
Produz uma explosão
De alegria
Sorria e saiba que
Alegria + Amor = Chocolate

Soneto do Chocolate

Caio César Souza Mariano Fraga

SONETO SHAKESPEARIANO E DODECASSÍLABO

Chocolate, pedaço de felicidade
Capaz de satisfazer a mim, a você,
A todos, quaisquer que sejam suas idades!
Sim, é verdade. E não negue o seu prazer...

Ademais, entre as suas variadas formas,
Eis a de 'ovo de páscoa' sua mais famosa!
Seja ao leite, branco, crocante, amargo,
Em todas as vertentes, tem público amado.

Na vida, temos muito a nos preocupar.
Por que não um chocolate para se alegrar?
Desde as combinações e os aromas incríveis
A esse misto de sensações iniludíveis!

...Tantas receitas e um objetivo motriz:
Adoçar nossas vidas, fazer-nos feliz!

O chocolate do charlotte

Daniella Cruz

Quando criança comi um charlotte magnífico,
em uma tarde incrivelmente especial.

Duas camadas de chocolate, biscoitos, doce de leite...Esplendido!

Corri mais um pouco em volta da casa com meu irmão e primos
voltei, pedi bis, cresci!

O gosto era tão espetacular que me fez procurar por aquele mesmo
sabor até os meus vinte e oito anos de idade.

De porta em porta, de confeitaria em confeitaria
desejo repetidas vezes frustrado.

— Será possível que ninguém nessa cidade consegue fazer a
combinação

perfeita entre o chocolate, os biscoitos e doce?!

Parei de procurar quando enfim entendi que aquele gosto

só existiu porque foi naquele dia,

naquele tempo, naquele lugar,

e com aquelas pessoas...

Eles eram a minha FAMÍLIA.

Ecos quase perdidos

Emanuel Santos Fernandes

Existe uma versão não contada
da alegria em comer chocolate,
do suor do agricultor na face
no amargor de por comida em casa.

Os seus olhos moram na colheita,
seus sonhos esperam nova safra
e a mão com calos arranha a amada
que chorou da alma sua vida inteira.

Eu sinto do doce o gosto amargo
a parte secreta sem magia
o desespero não nos mostrado

daqueles que adoçaram o mundo
e enchem muitas vidas de alegria...
— agradeço nesse poema curto.

Sabor Chocolate.

Fabrizio Nascioli

Desejo,
milhões de seus beijos
carícias,
tirar sua roupa
é uma
delícia.

Sentir o teu cheiro
me gusta
lamber tua nuca
na hora.

Comer o teu corpo inteiro
sentir o sabor como salada de fruta
almejo,
um pouquinho de suco de fruta
pra mim tem que ser de amora
não vou querer mais ir embora
e agora?

Me chupa
sou todo gostoso
tenho sabor chocolate
derreto na boca
com o calor dos seus beijos.

Me excito
ao olhar o teu corpo
sem roupa
tirada com toques da minha boca.

Mas olha
desejo
repetir esta noite
de dia
quero fazer com você
todo dia.

Chocolate

Francielle Consoni

Na hora da sobremesa
Para quando a tristeza bate
Nos momentos de rudeza
O que eu quero é chocolate.

Quero chocolate ao leite
A delícia do cacau
Na boca, o doce deleite
Ele não pode ser mau!

Chocolate com castanha
Chocolate com amendoim
Na boca, delícia estranha
Ele não pode ser ruim!

Chocolate com pimenta
O gostinho da esperança
Chocolate? Experimental!
Quantos sonhos de criança

Quero chocolate quente
Das receitas da vovó
Que alegria diferente!
Quero chocolate em pó.

Quero chocolate agora
Vou comer sem sentir dó
Chocolate a toda hora
Só não quero comer só.

Palato

Hélio Carlos da Silva Júnior

Doce

É assim que sinto,

Doce.

Apesar dos acidentes no primeiro beijo

Aquela coisa descoordenada,

Ainda assim eu sinto

Doce.

Desse jeito sinto

Ainda que haja 50 ou 70% de amargor

Doce sim

Como a sedução,

Podendo ter acidez de laranja ou maracujá

Podendo ser pungente como pimenta

Ou seca como castanha.

Doce eu sinto

Sem fração menor que a suficiente,

Do tamanho que sacia quem deseja

E doce sente.

Acho que esse é o charme:

Essa doçura que existe somente

E ponto.

Mesmo sendo da terra dura,

Mesmo torrado, moído, trabalhado

E talvez até sofrido nisso...

Ainda assim sinto doce

E talvez por tudo isso seja doce.

O chocolate é...

Isabel Furini

Para superar os espasmos da vida
o chocolate
é um elixir supremo

o chocolate afasta a tristeza
as gárgulas do fracasso
e a epidemia do medo

Encontro de Chocólatras

Júlia Celeste Pereira

Era um lindo dia ensolarado.
Sentei na grama verdejante do lago.
Abri a embalagem do meu chocolate preferido,
Respirei aquele ar puro, observei um ganso na margem parado
E comecei a saborear meu lanche que logo seria ingerido.

Uma criancinha correu até mim
E olhava com interesse para meu chocolate em barra.
Ela tinha bom gosto; ofereci um pedaço, não podia negar.
O cacau, com avelã e castanhas realmente era o estopim
Da melhor sinfonia de sabores dentro da língua a tocar.

Ela começou a mordiscar vorazmente
O pequeno bocado de chocolate ao leite.
Fiquei com medo de que aquele pedacinho do céu
Acabasse rapidamente
E aquela pirralha fizesse um escarcéu.

Doce presente

Juliana Karol de Oliveira Falcão

Adoça a boca,
Afaga a língua,
Chocolate.

Provoca os olhos,
Derrete ao tato,
Chocolate.

Perpassa as veias,
Abundante serotonina,
Chocolate.

Amargo, branco,
Ao leite, ou quente,
Chocolate.

O que desperta
O melhor da gente,
Chocolate.

Meu pecado torto,
Meu abraço amigo,
Chocolate.

Presente acolhido,
Meu doce acalento,
Chocolate...

Chocolate partido

Kárita Helen da Silva

Te peço um pedaço
apaixonado e melado
do abraço apertado
que você deixa de lado
na geladeira indolente
do seu coração.
Congelo sem medo
da desilusão
e meio amargo prossigo
despedaçando aos poucos
choro ao leite derretido
por minha louca paixão.
E por fim só sustento
sua desconsideração.

Prazer de chocolate

Lucas Silva Silvestre

Sobre a poltrona
reclinado, abastado
ainda me lembrando
das vagas memórias de criança
tudo se tornou efêmero
exceto aquele que em singelos embrulhos
aberto aos pés da lareira
me fez marcar infância...
exceto o chocolate.

Versos para o chocolate

Tauã Rangel

Mãos vigorosas colhem o fruto do velho cacauero
Cheias de calo e de marcas de um ofício rotineiro
Com agilidade, veloz e hábil no manejo da colheita
Os olhos são rápidos em busca do fruto na espreita

Na testa da pele queimada pelo sol impiedoso
Os colhedores seguem o caminho tão ardoroso
Em uma sina sem fim, com passos marcados
Colhem, mais uma vez, frutos com tanto cuidado

Descem, em profusão, gotas de um suor salgado
Decorrentes do caminho, pelos colhedores, trilhado
Na “panha” do fruto amarelado do fértil cacauero
Com os cestos cheios da polpa do fruto faceiro

Em uma procissão sem fim sob a copa frondosa
De muitas árvores, colhem a semente dadivosa
Produtora da substância tão adorada pelos mortais
Repleta de sentidos em sendas comuns, sazonais

Doce, amargo, meio amargo, saboroso e inebriante
Chocolate negro ou branco com gosto fascinante
Entre desejos, vontades e reviravoltas refrescantes
Com infinitas texturas e mil sutilezas delirantes

Símbolo de carinho e afeto entre os apaixonados
Pelos mortais, sabor inconfundível tão desejado
Povoa o paladar, desde o simplório ao sofisticado
Com suas nuances, oscilações e querer arrebatado

Chocolate de representações e imagens infundáveis

De querer e emoções avassaladoras, memoráveis
Povoam o imaginário e as vontades incontroláveis
De homens e de mulheres em desejos insaciáveis

Reluzente ao brilho do luminoso sol implacável
Derrete em uma cascata, doce negro insondável
Chocolate de odores arrebatadores e festejados
É um canto perdido em paladares tão despertados

Delícias

Silvia Ferrante

Entrego-me
carente que estou
a esse delírio
Tomo você em minhas mãos
e deixo que minha boca
toque de leve
esse seu sabor

Fecho os olhos por um momento
e sinto o seu calor
tomar conta do meu corpo
invadir minha alma
acalantar todo meu ser

E a doçura que vem de você
me invade e causa
um arrepio bom
uma doce e suave sensação
que aos poucos me acende
e me faz querer mais

Sem pressa
vou lhe mordendo, de leve,
e você, desse jeito silencioso
vai me proporcionando
um prazer cada vez maior

Meu coração acelera
o arrepio volta e creia,
isso é muito bom

Estou tomada por seu dulçor
e nesse frio que me envolve,
você é o calor que preciso

São apenas alguns minutos
e ao terminar
resta apenas aquela sensação
boa e doce da sua presença
e que você sempre deixa de presente pra mim

Adoro chocolate!

Doce Poesia

Robinson Silva Alves

Do fruto dourado
É extraído uma magia
Doce dos deuses
Poesia

Verdadeiro encanto
A mais pura emoção
Celebrando a vida
A sublime inspiração

Companheiro do romance
De sorrisos de alegria
Cúmplice da infância
Da sagrada fantasia

Verso Doce
Eterna arte
Letra de um poema
Chocolate.

O doce sabor

Nanci Otoni

A amizade envolve felicidade
De quem lado a lado deseja estar
E viver a vida comendo chocolate
Que só energia boa é capaz de exalar.

O tempo duplica a alegria e a cumplicidade
E bate no peito um fiozinho de saudade
Mas se um aroma gostoso se espalha no ar
Sabe que a pessoa amiga está pra chegar.

A certeza de que nunca se está sozinho
É quando um amigo aparece no caminho
Seja no momento de rir
Seja no momento de chorar.

O instante a dois pede aquele docinho
E só de sentir seu cheirinho
Se aconchega com carinho
E do amigo não quer largar.

Por isso a amizade deve ser sempre regada
De sorriso, de palavras, do doce sabor de chocolate
E até mesmo de lágrimas.

A tela de chocolate

Maroel da Silva Bispo

Os aromas inebriantes que emanavam daquela imagem,
Eram como suspiros de puro prazer.
Sim, pois que o artista, em êxtase, pintava o quadro
E se debruçava na mesa, plena de tintas.
Artesão de delícias, de sabores indescritíveis,
Ele enchia o peito de alegria: pura satisfação.
Todos os dias, às quinze horas, a cena se repetia.
E na janela do ateliê, os garotos dependurados.
Os olhos deles estavam vidrados na densa massa derretida.
Com uma espátula, o pintor a espalhava sobre a tela.
E com a mão direita sobre a boca, um dos meninos suspirou,
Contemplando o chocolate em forma de aquarela.

Manchas de chocolate

Rachel Soares

Tem gente que acha que sabe
como forjar o futuro,
como criar uma mente
e endireitar sentimentos.
Esquece a alma e o além,
enxerga no mundo somente
extraviada matéria.

Tem gente que entende de versos
e alegrias descalças
e vozes a se soltarem
em labaredas de curvas,
com transparências de ventos
e almas entrecortadas
por mariposas fugazes.

Tem gente que pensa que sabe
como forjar o futuro,
pra toda semente crescer
pra dentro e pra fora da terra,
pra dentro e pra fora do mundo,
até alcançar as estrelas
e de lá espreitar a vida
e de lá enxergar o vento
e a correnteza dos tempos.

Tem gente com passos leves
e aroma de chocolate,
de tanto entender de castelos,
de tanto estender castelos
onde não pairam cimentos,

nem certezas de argamassas,
nem vapores oxidantes.

Tem gente com aroma de mar
tem gente com aroma de brisas
tem gente com aroma de sonhos
e chocolate de festa
e brigadeiro sem festa.

Tem gente que se mantém
por toda a vida e morte,
por travessias de abismos,
com o mesmo aroma de doce,
de marmelada de tacho
e brigadeiro de prato
a recolher tantos dedos,
a encaixar tantas bocas,
a lambuzar pensamentos.

Tem gente que enxerga o futuro
como o castelo de areia
e o chocolate de festa
e a ciranda desfeita,
rodopiada sem graça
em doces ruínas de mares.

Tem gente que deixa o futuro
ganhar a cara que for,
não teme os passos que dá,
não teme o julgar das estrelas,
nem a mancha de chocolate
a marcar pra sempre na vida
o branco vestido de festa.

Tem gente que aspira versos

rabisca pressentimentos,
entende mais de futuro
por querer apenas somente
como presente de festa,
o doce aroma de brisas
e a frescura da lua
onde povoam os entes,
que germinaram suas terras,
que tricotaram com os dedos
os seus casacos de lã,
as suas lembranças mais caras
com gosto de chocolate.

Choco-latte

Sara Timóteo

Já prenúncio dos *latte* achocolatados
A suceder nas manhãs de homem de negócios
O bebé faz beicinho e quase chora
Quando uma gota de leite com chocolate
Se lhe escapa por entre os lábios entreabertos (formando esses, note-se, um botão de júbilo)
E ameaça manchar o traje vestido
Apenas há minutos com recurso a apertões delicados
Por entre os refegos de pele acabada de lavar.

Durante a vida deste bebé de quatro, talvez cinco meses,
O sabor a chocolate vai evocar reminiscências
Do sorriso da mãe que ora o contempla com os olhos loucos
De adoração.

Sobre os autores

Alberto Arcocchi: Nascido em 1947, é um arquiteto italiano, mora na cidade de Pavia. Presidente da Associação Cultural Liutprand (site: <https://www.liutprand.it>). Escreve contos e poemas em diferentes línguas e tem participado de concursos literários em italiano, português, espanhol e francês, ganhando prêmios, com novelas e poemas. Contato: alberto.arcocchi@libero.it.

Aldirene Máximo: Nasceu em São Paulo. É graduada em Letras pela Uninove e pós-graduada em Psicopedagogia pela mesma instituição. Narradora de histórias pelo Senac, escreve poesias desde os 12 anos. É autora dos livros: *Eu acredito no Amor!* e *Metáforas*, ambos pela Editora Scortecci. Tem participação em diversas antologias e revistas literárias. Acredita que sua missão é espalhar poesias pelo mundo. Contato: writer.aldy@gmail.com.

Alessandro Diniz: nascido em Passa Quatro, uma cidade pequena no sul de Minas Gerais, em 24 de junho de 1977. Graduado na área da Tecnologia da Informação, é aficionado por tecnologia e computadores, mas sua paixão verdadeira está na escrita e nos livros. Começou a ler ainda na infância e, desde então, a leitura tornou-se seu prazer favorito. O gosto pela poesia iniciou-se no início da adolescência, estimulado por um livro de poemas e trovas que seu pai possuía. Escreveu seus primeiros poemas inspirados por um amor adolescente. Não tem um tema predileto e a inspiração é a chama inicial para seus trabalhos, que podem ser sobre a beleza natural, o amor ou mesmo a humanidade e as questões sociais. Possui três poemas publicados na antologia *Delirium Liricus* e participa de vários grupos de poesia, além de escrever contos. Contato: alessandrodinizn@gmail.com.

Antônio Pedro: Nasceu em Angola (África), aos 25 de fevereiro de 2001, estudante de Eletricidade no IMPAL, contudo em 2015 teve um enorme interesse pela literatura. Já em 2017 escreve diversas poesias, como: Procurar o amor; Deus; Apaixonados. Em 2019 desiste da poesia por nunca ter êxito, esperando assim o dia do seu retorno. Contato: ditop2001@gmail.com.

Caio César Souza Mariano Fraga: ou simplesmente Caio Fraga, é formado em Engenharia Elétrica pela UFMG. Engenheiro por formação, músico e poeta por amor. Natural de Vitória, no Espírito Santo, residiu ainda em Belo Horizonte durante a faculdade e realizou intercâmbio de 1 ano na França, período em que morou em Lille, Amiens e Aix-en-Provence visitando, ainda, cerca de 20 países. Atualmente, possui uma página no instagram pelo pseudônimo [@divagandopoesia](https://www.instagram.com/divagandopoesia), na qual posta frases, sonetos, músicas e poesias sobre a vida. Possui os sonhos ininterruptos de lançar canções de sua autoria, livros de poesias, aprender cada vez mais instrumentos musicais – por

mais exóticos que pareçam –, viajar pelo mundo inteiro, se apaixonar e constituir família. Contato: caio_csmf@hotmail.com.

Caroline Maria Cesário Pinheiro: Cearense, 24 anos. Já foi professora, pesquisadora, cientista, mas sempre sonhadora. Hoje é amante das palavras, dos textos, informações, personagens e lições. Quer viver de dar vida a enredos, não importa como seja, para ler, ver ou ouvir. Contato: caroljpi@gmail.com.

Carolini Assmann: Mora no Rio Grande do Sul; em 2017 lançou seu primeiro livro “Seis Meses”; participou da Bienal do Rio de Janeiro e da Feira do livro de Porto Alegre. Em 2018 Lançou seu segundo livro “Bem”, participou da Bienal de São Paulo. Participação nas coletâneas: Coletânea Poesias de Amor, Editora Perse; Coletânea Amor por Patas, Editora Perse; Coletânea Em busca do conto perfeito, Editora Big Time; Coletânea Porque comigo?, Editora Perse; Coletânea Sonhei que, Editora Perse; Conto Virus, Revista Litera Livre; Coletânea de Poesias, Editora Chiado; Short Story Bandit Love, Adelaide Literary Awards Contest; Antologia de Poesias. Contato: caroliniassmann@yahoo.com.br.

Daniella Cruz: Psicóloga, natural de Fortaleza/CE, formou-se também em Gestão de Recursos Humanos e é especialista em Gestão de Pessoas. Atuou oito anos como Analista de Desenvolvimento de Mercado de Trabalho, desenvolvendo atividades de gestão e liderança de equipes de grande porte. Atua hoje como psicóloga clínica e escritora. Amante de livros e poesias, segue apaixonada pela escrita e mergulhando a cada dia mais no universo literário. Perfil no Instagram: [@daniellacruz](https://www.instagram.com/daniellacruz/). Contato: daniellacruzlessa@gmail.com.

Darlan Veit: Graduou-se em Odontologia em 1999 e exerceu a profissão de dentista por dez anos. Através do Xadrez - modalidade em que se sagrou Vice-Campeão Mundial Amador em 2001 - Darlan se aperfeiçoou em Arquitetura Cognitiva e iniciou a carreira de professor de inglês em 2011. O sonho de ser escritor acompanhou toda essa trajetória profissional e virou realidade em 2018. A primeira publicação ocorreu na Antologia Vivendo na Terra do Nunca da Editora Rico com o conto O Nunca é para Sempre? No Instagram, Darlan desenvolve o projeto intitulado Um Ano em Trechos e compartilha trechos de seus trabalhos diariamente. Contato: guarani.veit@hotmail.com.

Diogo Joaquim dos Santos: Possui 29 anos atualmente, reside em Campinas/SP com sua companheira e três filhos. Nascido em São Paulo/SP, morou até a maioridade em Itaquera, na região Leste, com sua família

marcadamente nordestina. Desde a adolescência escreve com prazer verso e prosa. É bacharel em Relações Internacionais, mestre e doutorando em Serviço Social. Durante sua formação em pós-graduação, foi quando deu adeus a uma avó muito querida, cujos costumes incentivaram a produção da presente poesia. É educador social e pesquisador sobre o pensamento político brasileiro, palestrante ativista sobre o tema da luta contra o racismo. Contato: diogo.jsan@gmail.com.

Edih Longo: é formada em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. É atriz de Teatro, fazendo parte do Grupo “Arte in Cena” do Clube Paineiras do Morumbi. É dramaturga, romancista, poeta, contista e cronista. Já ganhou alguns prêmios nestas modalidades e, foi agraciada recentemente em três primeiros lugares (poesia, conto, dramaturgia) e no terceiro lugar (romance juvenil) pela UBE (União Brasileira de Escritores) do Rio de Janeiro. Contato: edillongo@yaboo.com.br.

Eduardo Paraguassu: Autor brasileiro. Contato: eduardorecita@outlook.com.

Emanoel Santos Fernandes: Minha biografia tem mais de mini do que de bio, tenho 23 anos, tenho parentes professores, hoje sou universitário por desafio, escrevo poemas amaldiçoados e amaldiçoado fui por reconhecimentos. Contato: emanueltopazio95@gmail.com.

Evalderiany Honorata de Souza: tem 21 anos e adora escrever. Começou a escrever histórias desde bem jovem. Aos 13 anos começou o meu primeiro livro, ‘Metamorfose Lunar – Destino em Ação’, o qual publicou de forma independente em 2015 quando tinha 17 anos. Em 2016 publicou ‘Desencantados’ independente da mesma forma, por outra editora. Mesmo com a preferência por escrever romances, também gosta muito de escrever prosas curtas como os contos. Contato: evalderianyhb@gmail.com.

Evandro Valentim de Melo: Evandro Valentim de Melo: brasiliense; casado, pai e avô; mestre em gestão do conhecimento e da tecnologia da informação; especialista em gestão de RH; administrador; e escritor. Publicou Prosas para o café (Assis, 2019); Entre livros e cafés (Assis, 2019); Guardiões do cerrado (Assis, 2018); Aventura no cerrado (Assis, 2017); Aventura na floresta: bichos e lendas daqui e dacolá (Assis, 2016), Cliques narrativos: um romance em crônicas (Assis, 2014); e “Causos” de RH: o livro (Livre Expressão, 2011). Possui premiações nas categorias: conto, crônica e microconto em concursos literários. Participa de diversas antologias. Contato: ordnave.melo@gmail.com.

Fabrizio Nascioli: Autor brasileiro. Contato: fabrizzionascioli@gmail.com.

Francielle Consoni: 28 anos; natural de Santa Catarina, reside atualmente em Curitiba/PR. Gestora de TI por formação, mas escritora por paixão. Tem um poema publicado na obra Poetize 2019 – Novos Poetas. Contato: *francielleconsoni@gmail.com*.

Guilherme Souto Sanchez: Nascido e morador de São Paulo capital desde 1996, tem uma paixão de longa data por história, livros e escrita, com um amor mais recente por humor, sociopolítica e psicologia, estando nos semestres finais de sua graduação em psicologia na USP, onde tem experiências de pesquisa acadêmica, atendimentos clínicos e conflitos existenciais sobre sua própria inserção no mercado de trabalho. Acredita fielmente no poder das palavras e da escrita de emocionar, envolver e dialogar com o leitor, sendo essas capazes de experiências que vão do bobo e divertido ao profundo e reflexivo. Assim, busca se inserir mais na gama de possibilidades que o mundo do livro e da escrita permite (apesar de frequentemente ficar mais para o bobo e divertido do que para algo mais profundo). Contato: *guiga_sanchez@hotmail.com*.

Hélio Carlos da Silva Júnior: Nascido em Valença (RJ) e residente em Volta Redonda (RJ), estudante do curso de licenciatura em química por ser professor por paixão e químico por consequência. Amante das letras e tudo o que podem fazer, começou a escrita como modo de organização dos pensamentos; hoje vê essa atividade como algo integrante de si, mesmo que ainda engatinhe no ato de escrever. Contato: *heliocsjuniorp@gmail.com*.

Isabel Furini: Nasceu em Buenos Aires, Argentina, radicou-se no Brasil nos anos 80. É escritora, poeta e palestrante; coeditora da Revista Virtual Carlos Zemek de Arte e Cultura; seus poemas foram premiados no Brasil, Espanha e Portugal; é autora dos livros de poemas “Os Corvos de Van Gogh” (2012) e “,,, e outros silêncios” (2013); participou de antologias poéticas no Brasil, Argentina, Chile e Portugal. É presidente da Academia Virtual Internacional de Poesia, Arte e Filosofia (AVIPAF), membro da Academia de Letras do Brasil/ PR; realizou recitais poéticos na 36a. Semana Literária do SESC & XV Feira do livro da UFPR, em 2017, e um Recital Poético bilingue (espanhol/inglês) na Biblioteca Pública de Burlingame, Califórnia, USA, em 2018. Contato: *isabelfurini@hotmail.com*.

Júlia Celeste Pereira: Pernambucana, casada e graduada em Biomedicina. Atualmente, estudante do curso de Letras Língua Portuguesa e escritora de poesias, contos e artigos para blogs. Percebeu que essa era a área em que realmente sentia realização em atuar, de forma que optou por não exercer mais sua antiga profissão. Agora, dedica-se às palavras que desde criança a acompanharam e são sua fonte de inspiração. Contato: *juliacelleste@yahoo.com.br*.

João Eduardo Cerqueira: Natural de Salvador, Bahia, onde reside. Tem formação em Medicina Veterinária pela UFBA e se especializou em Clínica e Cirurgia em Pequenos Animais. Escrever suas monografias acendeu sua vontade de escrever. Insatisfeito com o modelo atual da profissão, resolveu perseguir seu sonho de adolescência, a Literatura. Criou um blog para trazer conhecimento para os donos de pets, com textos novos toda semana durante dois anos. Atualmente está produzindo seu primeiro livro de fantasia como escritor amador e participa de concursos utilizando o pseudônimo “O. Klaus?”. Telefone: (71) 3248-7598 / (71) 98826-7598. E-mail: jencruz@hotmail.com.

Joaquim Bispo: Português, reformado, ex-tenico da televisão pública, licenciado em História da Arte. Experimenta a escrita de ficção desde 2007. Frequentou oficinas literárias na Internet, colabora com a revista literária eletrônica Samizdat desde 2008 e integra mais de uma trintena de coletâneas resultantes de concursos literários dos dois lados do Atlântico. Contato: episcopum@hotmail.com.

Juliana Karol de Oliveira Falcão: 27 anos, reside em Soledade (PB). Formou-se, em 2015, no Curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e em 2017 ingressou no Curso de Licenciatura em Letras/Espanhol (UEPB). Teve alguns poemas selecionados para publicação em concursos literários. Contato: julianakarol-16@hotmail.com

Kárita Helen da Silva: Possui pós-graduação em Gestão de Pessoas e também em Planejamento e Gestão de Unidades de Informação. É graduada em Arquivologia pela Universidade Federal do Espírito, onde atua desde o ano de 2011 como servidora pública federal. Na adolescência, encontrou na escrita de poemas um refúgio para expressar seus sentimentos mais íntimos, desde então não parou de escrever. Atualmente, dedica-se à escrita de poemas, contos, microcontos e aldravias. Contato: helenkarita@yahoo.com.br

Lilian de Castro: Autora brasileira. Contato: lilianortegacastro@yahoo.com.br.

Lucas Silva Silvestre: 23 anos estudante de Letras/Português, apaixonado pela poética literária. Nascido em Volta Redonda-RJ e residente em Espinosa-MG. Contato: lucas.silvestre43@hotmail.com.

Maroel da Silva Bispo: Autor brasileiro. Contato: psimaroelbispo@gmail.com.

Nanci Otoni: mineira, nasceu em 1964 na pequena cidade de Nova Lima, região metropolitana de Belo Horizonte. Perdeu o pai muito jovem. A mãe, Ana Oliveira Otoni, era contadora de histórias. O mundo fantástico da

imaginação e o prazer de estudar foram o legado herdado pela autora que adora ler, escrever e contar histórias. Formada em Letras, Pedagogia e Psicopedagogia. Exerce os cargos de professora de Língua Portuguesa e Orientadora Educacional em escola pública do Estado de Minas Gerais. Poeta premiada em concurso literário em sua cidade é ainda convidada a escrever poemas para eventos culturais em seu município. Lançou o seu primeiro livro: “Os fios da vida” em 2017. Contato: nanciotoni@hotmail.com.

Paulo Luís Ferreira: é natural de Recife/Pe. Nascido em 17/07/1953. Fotógrafo de profissão. Graduado em História e Geografia. Como escritor, escreveu para teatro, e ganhou o “Prêmio Estímulo à Literatura”, pela Secretaria de Cultura de São Bernardo do Campo. Outros contos foram publicados pelas Revistas Literárias: “Tantas Letras” e Ponto e Contraponto. Publicação nas revistas virtuais: “Literalmente Intrigante” e “LiteraLivre”. Menção Honrosa: Concurso Míau de Literatura com o livro de contos “Os Malefícios do Humor” pela Editora Costelas Felinas. Menção honrosa no “Prêmio Bunkyo de Literatura; têm contos editados pela Big Time Editora. Selecionado e já editados nas Antologias: Inverno, Amor, Primavera, Terror, Natal e Animal, por esta mesma Editora, Jogo de Palavras. Tem contos pela Revista Coverge: Antologia Carcoma. Tem um Romance, “Um Suco de Laranja Sem Açúcar com Hortelã”, e “Século XXI”, (contos), disponível em (www.clubedeautores.com.br) Contato: pluis.177@globomail.com.

Rachel Soares: jornalista, escritora, poeta. Ao longo de sua carreira, atuou como repórter e redatora elaborando textos para jornais, revistas e livros. Nasceu na Curitiba de 1955 e atualmente mora em Vargem Grande Paulista, Região Metropolitana de São Paulo. Ler e escrever são suas paixões. Contato: rachelsoaresjji@gmail.com.

Robinson Silva Alves: Nasceu em Coaraci-Ba, ingressando nos caminhos da poesia onde teve a satisfação de possuir algumas premiações literárias, bem como também algumas publicações em antologias e revistas literárias. Atualmente faz parte de uma associação cultural e curso Especialização em Gestão Cultural. Contato: hiatuspoeta@gmail.com.

Rozemar Messias: mora em Colombo – PR, é professora e pedagoga, graduada em Processamento de Dados e Pedagogia, pós-graduada em Magistério Superior, Educação Infantil, Educação Especial e Psicopedagogia. É autora dos Planos de Aula da Revista Nova Escola e escreve contos, poesias e romances de suspense e fantasia. Contato: rozemcs@gmail.com.

Sandra Denicievicz: Jornalista paranaense. Apaixonada por dias ensolarados, natureza, aventura, brigadeiro, e boas histórias. Leitora ávida de distopias e

romances históricos. Escreve contos, crônicas, artigos e matérias jornalísticas. Adora filosofar sobre o sentido da vida, do Universo e tudo mais. Contato: *sdenicivicz@gmail.com*.

Sara Timóteo: nasceu em Torres Vedras. Reside na Póvoa de Santa Iria. Publicou Deixai-me cantar a floresta e Chama fria ou lucidez em 2011 pela Papiro. Publicou em 2012 Refúgio Misterioso; em 2014, Os Passos de Sólon, Elixir Vitae e Os quatro ventos da Alma (Lua de Marfim). Em 2015, publicou O Telejornal (Cadernos de Santa Maria); em 2016, O Corolário das Palavras (Rui M. Publishing) e Refracções Zero (Orquídea Edições). Em 2017, publicou Compassos e Diário Alimentar (Costelas Felinas, Brasil) e, em 2018, Manual dos ofícios: um conto longo sobre a anuência do mal (Edições Vieira da Silva). Em breve publicará dois novos livros de poesia, bem como um texto dramático. Contato: *windsidb@gmail.com*.

Silvia Ferrante: Nasceu e vive em São João da Boa Vista - SP. É cantora, compositora, produtora de shows e fotógrafa premiada. Escreve desde sua adolescência e possui 2 romances ficção, 1 livro de contos e 3 livros infantis editados. Várias vezes premiada em Concursos Literários, é Membro da Academia de Letras de sua cidade, eleita em 2008. Sempre muito procurada para proferir palestras em Escolas, Universidades e Instituições em geral. Fala principalmente sobre Música e Literatura. Contato: *silviaferrante2@gmail.com*.

Tauã Lima Verdán Rangel: Doutor e Mestre em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal Fluminense. Professor Universitário dos Cursos de Direito e de Medicina da Faculdade Metropolitana São Carlos. Autor dos Livros: “Segurança Alimentar & Nutricional em pauta”, Segurança Alimentar & Nutricional da região sudeste” (no prelo) e “Versos, Inversos e Outros Escritos”. Contato: *taua_verdan2@hotmail.com*.

Thaís Costa de Almeida: É da cidade de Soledade/PB, estudante de História pela Universidade Estadual da Paraíba. Apaixonada por livros, pintura e poesia. Contato: *thais11costa@hotmail.com*.

Obra produzida com exclusividade para a
Editora Jogo de Palavras, em abril de 2019.